



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde e Educação (FACES)
Curso de Psicologia

Quando o deixar de existir se torna uma possibilidade: Implicações da autopercepção e das relações familiares na ideação suicida do adolescente

Carolina dos Santos Fonseca

Brasília
Dezembro de 2020



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde e Educação (FACES)
Curso de Psicologia

Quando o deixar de existir se torna uma possibilidade: Implicações da autopercepção e das relações familiares na ideação suicida do adolescente

Carolina dos Santos Fonseca

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB como
requisito básico para a obtenção do grau de
psicólogo. Professora Orientadora: Dra. Sandra
Eni Fernandes Nunes Pereira

Brasília
Dezembro de 2020

Folha de Avaliação

Autor: Carolina dos Santos Fonseca

Título: Quando o deixar de existir se torna uma possibilidade: Implicações da autopercepção e das relações familiares na ideação suicida do adolescente

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira
Orientadora

Profa. Examinadora: Fádua Helou

Profa. Examinadora: Francielly de Oliveira Muller Lima

Brasília
Dezembro de 2020

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por sua bondade e fidelidade, e por sempre me conduzir e acompanhar, cercada de amor. Sou grata pela vida e por como Ele tem me feito vê-la e vivê-la, olhando e caminhando com a paz que excede todo entendimento, todos os dias.

Agradeço aos meus pais Valdair e Claudia, por terem me trazido à vida e por todo amor, carinho e dedicação que sempre me apresentaram. Vocês são meus exemplos de vida, sua perseverança, caráter, humildade me inspiram a cada dia. Sou grata por todo apoio e pelo esforço que sempre fizeram para nos proporcionar o melhor. Obrigada por acreditarem em mim, eu amo vocês. Obrigada também por terem me dado meus dois irmãos (que eu tanto pedi), Tiago e Davi, sou ainda mais feliz por ter vocês. Sou grata por tudo que temos construído enquanto família. Eu amo vocês.

Sou grata também aos meus amigos, os de perto e os de longe, presenciais e virtuais. O apoio de vocês foi fundamental nesse processo. Obrigada pelas palavras de carinho, de fortalecimento, por terem me ouvido falar sem parar sobre o trabalho. Vocês fazem com que a vida seja ainda mais colorida e eu amo vocês. Sou grata também à minha igreja, aos meus pastores, à minha querida apóstola Neusa, que desde sempre cuida com muito amor de nossa família. Por todas as orações, muito obrigada.

Agradeço aos queridos professores que fizeram parte dessa trajetória na psicologia, por terem me inspirado e instigado de diferentes maneiras, também pelas diferentes perspectivas que me apresentaram. Agradeço à minha orientadora, Sandra, por ter me acompanhado durante esse processo, pela paciência, pelo carinho e por ter contribuído para que esse momento fosse vivido com leveza.

Agradeço também às participantes desse estudo, por terem contribuído de forma generosa, pela confiança e por terem disponibilizado seu tempo. Vocês foram fundamentais para essa construção.

A todos vocês, por terem de alguma forma, tocado a minha vida e por terem permitido serem tocados, muito obrigada!

Saber Viver

Não sei...
se a vida é curta
ou longa demais para nós.
Mas sei que nada do que vivemos
tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,
silêncio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que sacia,
amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo:
é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira e pura...
enquanto durar.

- Cora Coralina

Resumo

O suicídio é um problema de saúde pública mundial e é a terceira maior causa de morte entre jovens, de acordo com a OMS. A adolescência é compreendida como uma fase do desenvolvimento humano marcada por transformações físicas, emocionais e sociais. O suicídio na adolescência é um fenômeno multideterminado e dessa forma, é importante destacar o papel que a família pode exercer na construção do adolescente como sujeito. A presente pesquisa teve como objetivo compreender, sob a perspectiva sistêmica, a relação entre a autopercepção do adolescente, a dinâmica familiar e o comportamento e/ou ideação suicida na adolescência a partir de entrevistas individuais semiestruturadas com duas adolescentes que apresentam ou já apresentaram ideação ou tentativa de suicídio. Utilizou-se como metodologia de análise o método de análise de conteúdo construtivo-interpretativo. Como resultado foi possível perceber uma relação entre a autopercepção negativa das participantes e a ideação/tentativa, bem como a relação entre conflitos familiares e a ideação/tentativa de suicídio. Foi possível identificar também que a qualidade dos laços familiares interfere na maneira como cada adolescente se percebe. Sugerem-se futuros estudos a serem realizados com os pais/responsáveis para que se tenha uma compreensão mais sistêmica e complexa do fenômeno.

Palavras-chave: ideação suicida, suicídio, adolescência, autopercepção, relações familiares.

Sumário

Introdução	8
Objetivo Geral	10
Objetivos Específicos	10
Fundamentação Teórica	11
Adolescência	11
O adolescente e a família	13
Suicídio na adolescência: fatores de risco e proteção	16
Suicídio e Ideação suicida na adolescência: uma perspectiva transgeracional	19
Método	22
Metodologia de Investigação	22
Participantes	23
Instrumentos	24
Procedimentos para construção das informações	25
Procedimentos para análise das informações	27
Resultados e Discussão	28
Considerações Finais	48
Referências Bibliográficas	51
Apêndices	58
Apêndice A – Termo de Aceite	59
Apêndice B - Parecer Consubstanciado do CEP.....	60
Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	64
Apêndice D- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	69
Apêndice E – Entrevista semiestruturada	73
Apêndice F – Complemento de frases	75

A morte é um evento temido pela maioria dos indivíduos, mas paradoxalmente, aparece como um desejo, um objetivo ou uma forma de resolução de problemas para alguns. Tentativas de suicídio sempre geraram grande impacto familiar e social, causando sofrimento para os que convivem e se relacionam com as vítimas. Dessa forma, lidar com este fenômeno requer aprender a lidar, entre muitos outros aspectos, com a dialética vida e morte, com o desespero humano, influenciado pela anedonia, com as imprevisibilidades da vida, com indivíduos que morreram existencialmente e que não exprimem o prazer de estarem vivos ou se perderam pela falta de esperança e fé na vida (Gonçalves, Freitas & Sequeira, 2011; Fukumitsu, 2014).

Dados do primeiro Relatório Global para Prevenção do Suicídio divulgados em 2016 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam o suicídio como um problema de saúde pública mundial. A cada 40 segundos, uma pessoa comete suicídio no mundo, o que representa 800 mil casos por ano, sendo que para cada morte, existem várias outras tentativas. A OMS sugere ainda que, para cada suicídio há, em média, cinco ou seis pessoas próximas que sofrem consequências emocionais, sociais e econômicas. O desenvolvimento do processo de luto de familiares e amigos pode ficar comprometido em razão de ser uma morte violenta e repentina, envolta em tabu e preconceito, e por vezes em contextos de doença psiquiátrica prévia e intensos conflitos familiares (OMS, 2000; 2016; Silva, 2008).

Os dados da OMS (2014) afirmam que o suicídio é a terceira maior causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos. Diante desses dados, o presente estudo pretende investigar o fenômeno dentro da faixa etária que diz respeito ao período da adolescência que, no Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069 (artigo 2º), de 1990, é compreendida entre 12 e 18 anos.

A adolescência é compreendida como uma fase do desenvolvimento humano marcada por transformações físicas, emocionais e sociais; é um momento significado, interpretado e

construído pelos sujeitos, e a ela estão associadas marcas do desenvolvimento do corpo. Construídas as significações sociais, os jovens encontram referências para a construção de sua identidade e os elementos para a conversão do social em individual. Dessa forma, não há uma adolescência, enquanto possibilidade de ser, mas uma adolescência enquanto significado social, com inúmeras possibilidades de expressão (Bock, 2007).

Pela tendência a se comunicar através da ação em lugar da palavra, para lidar com seu sofrimento e conflitos, o adolescente pode optar por alternativas nem sempre positivas, que lhe gerem qualidade de vida e bem-estar. Ele pode, ao contrário, optar por formas destrutivas, de lidar com as dificuldades, como o uso de drogas, ou apresentando um quadro de depressão, ou até mesmo tendo ideação suicida, ou seja, o desejo pela morte (Eisenstein, 2005; Teixeira, 2004).

Os conteúdos apresentados reforçam a ideia, já discutida em outros estudos, de que o suicídio na adolescência é um aspecto complexo e multideterminado, no qual fatores de ordem biológica, psicológica, sociodemográfica, relacional e cultural interagem entre si. Assim, entende-se a importância e a necessidade de mais estudos sobre a dinâmica inserida no processo e no contexto do suicídio a fim de se buscar melhor compreensão e formas adequadas para o manejo e prevenção desse fator que se faz presente na sociedade.

Além disso, sendo o suicídio na adolescência um fenômeno multideterminado – como descrito acima - é importante destacar o papel que a família pode exercer na construção do adolescente como sujeito e a importância de se desenvolverem estudos neste sentido também. Essa, enquanto sistema complexo, pode influenciar a vida dos adolescentes de forma dúbia, constituindo-se tanto como fator de proteção, representando apoio, cuidado, segurança e afeto, como pode também se tornar fator de risco ao desfavorecer o desenvolvimento saudável do sujeito (Krüger & Werlang, 2010; Teodoro, Cardoso & Pereira, 2011; Morais, Lima & Fernandes, 2014).

Diante disso, pretende-se estudar essa temática à luz da Teoria Sistêmica, perspectiva que tem como foco as relações e trabalha com a articulação dessas. Nela se objetiva perceber que cada membro do sistema (familiar) está contribuindo a seu modo, sendo corresponsável pelos fenômenos que ocorrem no seio familiar. Na perspectiva sistêmica, é possível se pensar uma causalidade circular para o que está ocorrendo, ou seja, a situação está de um jeito, mas poderá vir a ser diferente. Possibilita o questionamento das condições nas quais os fenômenos se manifestam, assim como do contexto em que ocorrem (Braga & Dell'Aglio, 2013; Vasconcellos, 2003).

O presente estudo busca, então, compreender, sob a perspectiva sistêmica, a relação entre a autopercepção do adolescente, a dinâmica familiar e o comportamento e/ou ideação suicida na adolescência. Parte-se do pressuposto de que relações familiares conflituosas podem influenciar de forma negativa a percepção do adolescente sobre si, tornando-se fator de risco para a ideação suicida.

Objetivos

Objetivo geral:

Compreender a maneira como a autopercepção do adolescente e suas relações familiares implicam no comportamento e/ou ideação suicida.

Objetivos específicos:

- Investigar as percepções do adolescente sobre si mesmo;
- Identificar os sentimentos e vivências do adolescente em relação ao suicídio e/ou à ideação suicida;
- Identificar aspectos da dinâmica familiar (afetos, desafetos e conflitos, comunicação) que influenciam na construção da autoimagem do adolescente e em seu comportamento ou ideação suicida;

- Investigar aspectos da transgeracionalidade que influenciam a ideação suicida na adolescência.

Fundamentação Teórica

Adolescência

A adolescência tornou-se uma temática de interesse crescente na história da Psicologia a partir do século XX. Este período foi marcado por grandes avanços teóricos nas ciências em geral, advindos da adoção de modelos sistêmicos para a compreensão de fenômenos do desenvolvimento. A delimitação do período da adolescência passou a ser feita para além dos aspectos cronológicos e biológicos, uma vez que condições sociais, culturais, históricas e psicológicas específicas passaram a ser vistas como extremamente significativas (Senna & Dessen, 2012).

Dessa forma, a adolescência passou a ser compreendida tendo como base a noção de que um mesmo resultado em desenvolvimento pode ser alcançado por diferentes meios e em contextos relativamente diferentes também; como um conjunto de fatores inter-relacionados, de ordem individual, histórica e cultural; como algo não acabado - com um início e um fim bem definidos - mas como um período do desenvolvimento que, como o próprio nome diz, remete à instabilidade, complexidade e intersubjetividade (Senna & Dessen, 2012; Vasconcellos, 2003).

A adolescência é caracterizada como um período de transição da infância à fase adulta. É um momento marcado por impulsos no desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social do indivíduo. Nela também encontram-se esforços do indivíduo para alcançar objetivos ligados às expectativas culturais da sociedade em que vive (Eisenstein, 2005).

A adolescência é ainda um período do desenvolvimento humano no qual as pessoas geralmente experimentam diversos papéis sociais, vivenciam novas formas de relacionamento, desenvolvem novas habilidades e assumem novas normas de conduta.

Geralmente, é durante a adolescência que a pessoa começa a resolver muitas das inconsistências internas e dar maior coerência à concepção de si mesmo, construindo sua autoimagem e identidade (Rodríguez & Damásio, 2014).

O sentido de identidade é um importante fator para poder coordenar as ações, dar coerência à própria existência e estabelecer um vínculo com o mundo e a sociedade (Rodríguez & Damásio, 2014). Neste sentido, a identidade pode ser pensada enquanto totalidade, sendo configurada por diversas combinações, ou seja, como um todo contraditório, múltiplo e mutável. Ela também é relacional, de modo que o outro reflete no indivíduo, assim como o indivíduo reflete no outro. Tem-se ainda uma noção de identidade que diz respeito à diferença e à igualdade, pois o indivíduo se diferencia e se iguala conforme os vários grupos dos quais faz parte. Assim, a identidade pode ser compreendida também como processo de identificação (Ciampa, 1985; 2001).

Dessa forma, compreende-se que a definição de identidade pressupõe a metamorfose – um processo que ocorre desde o nascimento do indivíduo até o momento de sua morte. Assim, o ser humano não é, ele está sendo, o que traz a ideia de algo que está se constituindo o tempo todo, como uma obra sempre inacabada (Ciampa, 1985; 2001).

Percebe-se que quanto mais autoconhecimento o adolescente tiver, mais facilmente tende a concretizar seu sentido de vida, uma vez que fará escolhas mais coerentes com seus valores e sistemas morais. A construção de um sentido de identidade claro e confiante - bem como um sentido de vida integrado à identidade e aos valores pessoais - relaciona-se com positivas consequências ao desenvolvimento humano, como menores sintomas de depressão e ansiedade e maiores níveis de felicidade e satisfação com a vida, comportamentos pró-sociais e autoestima mais estável (Rodríguez & Damásio, 2014).

No entanto, da mesma forma que a adolescência pode representar fator de proteção ao desenvolvimento do indivíduo, esta pode ser considerada também um fator de risco. No que

tange ao risco, o adolescente pode se tornar mais suscetível a comportamentos impulsivos, agressivos, ansiogênicos, depressivos e até mesmo suicidas (Oliveira, Pacheco, Paula, Ramires, Silva & Fitaroni, 2020).

Diante disso, observa-se que a adolescência é um período de grandes mudanças. É um processo de construção identitária em um momento dado, determinado na existência e na relação com o sistema sociofamiliar; uma nova percepção e compreensão do mundo; uma exposição a situações de conflito ou mesmo de violência; necessidade de pertencimento a algum grupo; busca de autonomia e de novos relacionamentos e direcionamentos na vida. Por ser um processo intenso e de muitas transformações, pode ser sentido pelo adolescente como algo estressante e gerador de mal-estar, propiciando conflitos internos e relacionais (principalmente no que se refere ao seu contexto familiar). Soma-se a isso o fato de que, se neste processo de construção da identidade, o adolescente encontrar regras e valores inconsistentes e frágeis na família, os conflitos tornar-se-ão ainda maiores (Oliveira, Pacheco, Paula, Ramires, Silva & Fitaroni, 2020).

O adolescente e a família

Promover o desenvolvimento saudável durante a adolescência representa um desafio às famílias, que precisam se reorganizar de forma a estabelecer relações mais horizontais e baseadas em negociações mútuas para promoção da autonomia do adolescente (Zappe & Dell'Aglio, 2016). Neste período do ciclo vital, a relação com os pais e cuidadores é de fundamental importância.

O desenvolvimento humano, de forma interdependente aos aspectos orgânicos e biológicos, é influenciado pelas relações iniciais estabelecidas e mantidas durante o período de crescimento. A qualidade das relações pode favorecer o desenvolvimento de capacidades e habilidades emocionais, sociais e adaptativas do sujeito. Por isso, ao se falar especificamente

sobre a adolescência, considera-se de extrema relevância compreender as relações parentais e fraternais nesta fase, tendo esta como um momento intenso, de descobertas e de consolidação da identidade (Magnani & Staudt, 2018).

Nesta fase do ciclo de vida, nota-se a fundamental importância de um suporte familiar e social para que o adolescente sinta-se amparado para fazer suas escolhas de vida. Uma vez que este é um período de transição entre a infância e a vida adulta, pode acontecer de o adolescente passar despercebido por não ser identificado mais como criança - ao mesmo tempo que ainda não é um adulto - o que fomenta a necessidade de um suporte adequado (Oliveira, Pacheco, Paula, Ramires, Silva & Fitaroni, 2020).

O período da adolescência evidencia muitas mudanças tanto para o adolescente quanto para seus responsáveis. As mudanças são necessárias, mas é preciso que haja negociação entre os pais e os filhos neste processo, principalmente no que se refere à autoridade, disciplina, educação e comunicação. Isso é de suma importância para a construção da autonomia dos filhos adolescentes e se constitui como um importante desafio pelo qual as famílias passam. Esse movimento envolve também transformações nas relações familiares, que objetivam o preparo desse adolescente para ingressar na vida adulta. No entanto, essas mudanças podem se constituir em grandes dificuldades, uma vez que nem sempre os pais estão dispostos ou preparados para realizá-las (Reichert, 2011).

Segundo Ciampa (2001) e Lane (2002), fica evidente a importância do reconhecimento do outro para o desenvolvimento da identidade. É no processo de interação que se desenvolve a identidade como categoria constitutiva do psiquismo. Neste sentido, a família é fundamental para a construção identitária do indivíduo, já que é nela que se constrói o sentido de pertencimento e de, ao mesmo tempo, ser separado, individuado, proporcionando o cunho de individualidade aos filhos.

No sistema familiar existem diversas transformações ao longo do tempo e é comum existirem problemas de transição devido a mudanças evolutivas em membros e mudanças na composição familiar, como é o caso de um filho na adolescência. Assim, pode acontecer de, no período da adolescência, a relação com os pais ficar abalada, uma vez que o adolescente se afasta um pouco do subsistema fraternal a fim de receber mais autonomia e responsabilidade. Se não há adaptação familiar, pode ser que haja uma reconfiguração disfuncional, sendo dessa forma interessante que ocorram alguns ajustes para que as mudanças sejam bem-sucedidas. Se uma família reage aos eventos estressores da adolescência com rigidez, pode ser que se apresentem alguns padrões disfuncionais (Ciampa, 2001; Lane, 2002; Minuchin, 1982).

De acordo com Silva, Menezes e Lopes (2010), as experiências vividas e observadas no âmbito familiar exercem influência na aprendizagem de certos padrões de relacionamento e na forma como o indivíduo compreende a realidade que o cerca. Diversos estudos sugerem que as práticas parentais de fato estão associadas a diversos indicadores de desenvolvimento psicológico e comportamental na adolescência, tais como autoestima, depressão, ansiedade, desempenho acadêmico, competência interpessoal, comportamentos agressivos, entre outros. Entende-se como práticas educativas parentais o conjunto de comportamentos singulares emitidos pelos pais no processo de educação e socialização dos filhos que levam a um resultado comum (Darling & Steinberg, 1993; Teixeira, Oliveira & Wottrich, 2006).

Crianças e adolescentes que crescem em um ambiente com regras claras, em geral, são mais seguros e mediante algum conflito, estão mais preparados para enfrentá-lo. Também são mais capazes de lidar com frustrações mediante adversidades, uma vez que se percebem apoiados pelas figuras de autoridade e por terem desenvolvido recursos para superá-las. Em contraponto, existem também situações nas quais não se tem acesso a esse tipo de ambiente

de regras, que podem contribuir para que os adolescentes se insiram em contextos de risco em busca de reconhecimento e de ascensão social (Pereira & Sudbrack, 2010).

Uma família disfuncional e conflituosa, com um ambiente familiar frustrante, é um ponto fraco que pode favorecer para que um de seus membros possa recorrer a soluções não assertivas diante dos conflitos. Em pesquisa realizada sobre suicídio na adolescência (Valadez-Figueroa, Amezcua-Fernández, Quintanilla-Montoya & González-Gallegos, 2005), foi encontrada uma associação entre tentativa de suicídio relacionada ao manejo inadequado dos conflitos e agressividade na família. Diante dessa perspectiva deve-se levar em consideração que nas famílias, situações que se mostram como estressoras podem agir diretamente em adolescentes e até se configurarem como fator de risco para ideações suicidas ou tentativas de suicídio.

Suicídio na adolescência: fatores de risco e proteção

O suicídio em adolescentes tem crescido nos últimos anos no Brasil e, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2016), é a terceira causa de mortes no país. A ideação suicida e tentativa de suicídio são mais prevalentes na adolescência do que em qualquer outro momento da vida. Entre 13 e 18 anos, a prevalência de ideação e tentativa são de aproximadamente 12.1% e 4.1%, respectivamente, com taxas de tentativa de suicídio 3 vezes maiores em meninas do que em meninos. No Brasil, a população jovem entre 15 a 29 anos teve um aumento de 15,3% nos casos de suicídio, passando de 2.515 para 2.900 suicídios entre 2002 e 2012. A taxa de suicídio nessa população passou, no mesmo período, de 5,1/100 mil para 5,6/100 mil jovens, colocando o país na 60ª posição na classificação mundial (Miranda et al., 2014; Moreira & Bastos, 2015).

O comportamento suicida classifica-se em três categorias distintas: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado. A ideação suicida se localiza em um dos

extremos, o suicídio consumado no outro e a tentativa de suicídio entre eles. Esses elementos podem ser representados, respectivamente, por meio dos pensamentos de autodestruição, da autoagressão, manifestada por gestos suicidas e por tentativas de suicídio e, finalmente, da consumação do suicídio (Azevedo & Matos, 2014; Moreira & Bastos, 2015; Santos, Ulisses, Costa, Farias, & Moura, 2016).

De acordo com Fukumitsu (2014), uma das maneiras de se prevenir o suicídio é compreender e enxergar o indivíduo que tenta cometê-lo como um ser singular e que suas inúmeras motivações para tal comportamento pertencem ao domínio privado. O comportamento suicida é um fenômeno multifatorial, pelo qual devem ser acolhidos tanto os fatores de risco (predisponentes) quanto suas causas (precipitantes). Sendo assim, o ato em si abrange o viés individual, social e cultural. É importante lembrar que, na maioria das vezes, quando os jovens pensam no autoextermínio, seu desejo maior é deixar de sofrer, acabar com algo que é intolerável, e não com a sua própria vida. Surge, portanto, a necessidade de olhar atentamente para a sociedade paradoxal, consumista, exigente e pouco afetiva na qual estes jovens se encontram (Penso & Sena, 2020).

Diante do ato suicida é necessário que haja uma restituição da possibilidade da produção de sentido, pois a própria impossibilidade de significação é que pode levar o sujeito ao ato. Acredita-se que a crise suicida é conduzida por uma intensa crise de sentido, uma angústia extrema (Marquetti & Leite, 2018). O desejo de morrer pode estar relacionado a um sofrimento que não está sendo cuidado. O sofrimento só é intolerável quando não é cuidado, que em consequência, pode levar a processos autodestrutivos (Kovács, 2018).

É comum que, ao cogitarem a tentativa de suicídio, os adolescentes ocultem seus planos em relação ao ato. No entanto, é provável que venham a apresentar alguns sinais de risco, como: tristeza, raiva, tédio, falar sobre a morte, desfazer-se de objetos importantes, utilizar-se de álcool e drogas, mostrar mudanças na personalidade, negligenciar a aparência,

dormir muito mais ou muito menos que o ocasional, apresentar sinais de depressão, perda de autoestima, dentre outros sinais (Papalia & Feldman, 2013).

As redes sociais podem, também, estar exercendo influência sobre essa prática através de alguns sites e jogos que trazem conteúdo prejudicial à saúde emocional de quem os consome e podem ser consideradas também, neste caso, fator de risco ao adolescente. A comunicação virtual pode ser benéfica de diferentes formas, porém o uso excessivo ou indiscriminado pode trazer resultados negativos nas relações pessoais e na comunicação com o ambiente externo. A partir de diversos estudos foi possível identificar o impacto causado na vida dos adolescentes, que pela necessidade de pertencimento, acabam fazendo escolhas impulsivas, onde se envolvem em jogos, grupos e sites de busca sobre o tema, trazendo prejuízos futuros. Diante disso, percebe-se que para o período da adolescência é necessário que haja certa vigilância dos responsáveis sobre o que os adolescentes consomem enquanto estão conectados (Siebel, Santos, Moreira & Santos, 2019).

Além disso, outros fatores de risco relacionados ao suicídio são o isolamento social, o histórico familiar de doenças mentais, o histórico familiar de agressão ou abuso, a declaração ou pensamentos de intenção. Dentre os aspectos biológicos e socioeconômicos, também se destacam as características de personalidade, transtornos mentais, doenças físicas e orgânicas, estressores familiares, violência intrafamiliar, históricos familiares de suicídio, o bullying (atualmente evidenciado nas escolas), comportamentos de risco, estressores psicossociais, fatores psicológicos e estressores socioeconômicos. Esses fatores acumulam-se como causas para o aumento do suicídio (Cardoso & Cecconello, 2019; Faro & Santos, 2018; Pereira, Wilhelm, Koller, & Almeida, 2018.)

Em um estudo realizado por Barros, Pichelli e Ribeiro (2017) sobre a relação entre o consumo de drogas e a ideação suicida em adolescentes, os dados obtidos indicaram que o suicídio entre jovens usuários de drogas nas formas de - ideação, plano e tentativa - aparece

da seguinte forma: 20,2% já pensaram em cometer suicídio; 12,0% fizeram planos suicida; e 3,8% já tentaram se matar. Esses dados indicam a existência de correlações positivas entre o uso de substâncias (inalantes e injetáveis) e ideação suicida, bem como do uso das mesmas substâncias com a tentativa de suicídio.

Em contraponto, encontram-se os fatores de proteção, que devem ser considerados neste contexto: relacionamentos interpessoais significativos, como família, amigos e ambiente saudável de trabalho; e aspectos pessoais como autoestima, habilidades sociais e autoeficácia. Ainda como fator protetivo ao adolescente, também pode-se colocar a espiritualidade ou religiosidade, uma vez que essas podem fomentar comportamentos mais saudáveis e a diminuição de comportamentos de risco como, consumo de drogas, álcool e fumo, promovendo mais bem-estar e recursos para enfrentar adversidades em suas vidas (Jahn e Dell'aglio, 2017; Pereira, Willhelm, Koller, & Almeida, 2018).

É importante ressaltar que práticas parentais mais adequadas são indicadas como fatores de proteção, uma vez que os pais que acompanham o desenvolvimento dos filhos - estando presentes e sendo acolhedores - podem fortalecer a identidade do adolescente e minimizar o envolvimento em comportamentos de risco. Um relacionamento de afetividade e disciplina estimula o adolescente a se sentir aceito, seguro e valorizado, o que contribui para que seu desenvolvimento se dê de maneira mais saudável. Assim, evidencia-se que a autoestima e a autoeficácia, a aceitação dos pais e o envolvimento dos mesmos na vida do jovem são considerados protetivos pois podem contribuir para a prevenção da possibilidade de envolvimento em comportamentos de risco como o que trouxemos até o momento: o suicídio (Magnani & Staudt, 2018; Zappe & Dell'Aglio, 2016; Zappe & Dapper, 2017).

Suicídio e Ideação suicida na adolescência: uma perspectiva transgeracional

Nunes e Mota (2017) relatam que a qualidade do laço emocional com as figuras parentais encontra-se associada ao desenvolvimento congruente de competências sociais e a uma menor predisposição para a ideação suicida, na medida em que estes fatores fornecem segurança ao adolescente para explorar o seu meio social e enfrentar as sucessivas mudanças relativas a esse momento. Em contraponto, as relações marcadas pelo bloqueio da exploração e da individualidade parecem ocasionar maior insegurança e desvalorização pessoal pela carência de interação, que podem levar o adolescente a vivenciar dificuldades nas suas relações sociais e a considerar de forma mais consistente a ideação suicida. Ainda um estudo realizado por Gouveia, Abreu e Martins (2014) indicou que o tipo de família em que os adolescentes estão inseridos e seu funcionamento influenciam em sua ideação suicida.

Sabe-se que as transmissões referentes aos valores e crenças familiares são parte da estrutura do núcleo familiar, sendo os pais e mães modelos de espelhamento e identificação para seus (as) filhos (as). Essas considerações direcionam ao questionamento de que a transgeracionalidade no contexto familiar é inevitável (Botton, Cúnico, Barcinsk & Strey, 2015). Ainda é importante ressaltar que a transmissão geracional contribui para a formação da identidade do indivíduo, além de influenciar o modo como ele experimentará e atuará no mundo por meio das relações que estabelece (Bucher-Maluschke, 2008).

Neste sentido, é importante que também se considere as questões de transgeracionalidade em relação à ideação suicida, já que essa constitui-se como um representativo dos processos transmitidos pela família de uma geração a outra, e que se mantém presente ao longo da história familiar. O impacto das questões transgeracionais se dá, prioritariamente, em momentos específicos do percurso familiar e, normalmente, estes momentos estão relacionados a períodos de crises nos quais se acumulam estresse no núcleo familiar. Toda família, em seu desenvolvimento vital, está sujeita a passar por crises, que apesar de se constituírem em um momento de instabilidade, podem também levar ao

crescimento e proporcionar também amadurecimento a seus membros (Falcke & Wagner, 2014).

Uma pessoa - enquanto membro de um grupo com o qual partilha significados - quando busca a morte, está inserindo a narrativa da experiência da crise suicida no repertório de histórias deste grupo. Famílias inseridas neste contexto precisam de auxílio para que possam reconstruir-se como um sistema de apoio e proteção (Krüger & Werlang, 2010; Wargner, 2009; Habigzang, Diniz & Koller, 2014).

A crise desencadeada pela tentativa de suicídio é uma experiência complexa, construída pelas histórias passadas, pelas histórias presentes e pelas expectativas em torno do futuro, cujo sofrimento pode paralisar a família, gerando crenças de que o desejo de morte constitua uma ameaça à dissipação do sistema familiar (Krüger & Werlang, 2010).

Tendo em vista as histórias passadas, retoma-se o conceito de transgeracionalidade, que diz respeito ao fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história ou afetos de uma pessoa a outra, de um grupo a outro, de uma geração a outra. As transmissões são inconscientes e poderão ser determinantes nas patologias das gerações seguintes. Além disso, a transmissão geracional é invasiva e costuma estar relacionada a situações de traumas, lutos, violências pessoais e sociais e vergonhas, presentes e/ou passadas (Menda, 2013).

A discussão do fenômeno da transmissão geracional requer uma análise cautelosa que se dá mediante um olhar de retrospectão para traços da estrutura comunicacional afetiva e mítica de famílias que vivenciaram experiências semelhantes em gerações anteriores. Ressalta-se que não se deve ter um raciocínio prospectivo para que não se resulte em um determinismo, em uma lógica de causa e efeito que não leva em conta a singularidade dos sujeitos (Penso & Neves, 2008).

A família de origem é depositária de tensões, medos, segredos, heranças e vínculos que são transmitidos a cada geração. Tendo isso em vista, os estudos evidenciaram nos

últimos anos, a importância de olhar para o sujeito também a partir do que recebeu das gerações anteriores e compreender a repercussão dessas questões em sua vida. Observou-se que as vivências e modelos aprendidos pelo sujeito, tanto bons quanto ruins, podem se repetir em outros relacionamentos. Com base nisto, é importante que se olhe para a família como sistema que fornece sustento emocional e dá embasamento para a constituição psíquica do sujeito (Scorsolini-Comin & Santos, 2012; Razera, Cenci & Falcke, 2014).

Em um estudo realizado por Gonçalves (2015), obtiveram-se resultados que demonstraram uma forte associação entre a ideação suicida dos filhos e dos pais, ou seja, quando os pais apresentam ideação suicida, os filhos tendem a apresentá-la também. Na amostra dos adolescentes que participaram do estudo, foi possível comprovar que tanto o funcionamento familiar como o suporte familiar têm um forte impacto no surgimento de ideias suicidas. As correlações entre a ideação dos pais e a ideação dos filhos apresentam uma correlação positiva estatisticamente significativa, o que demonstra que o suicídio também pode ser um padrão de comportamento recorrente ao longo de gerações.

Método

Metodologia de investigação

Os processos de análise dessa pesquisa foram sustentados pelo método construtivo interpretativo, pautado na Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005) e que contém três fundamentos principais: o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento; a singularidade como fonte de produção de conhecimento e a interação no processo de construção de conhecimento.

O primeiro princípio, caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, compreende o conhecimento como uma construção permanente, organizado a partir de uma produção

humana e difere-se de algo pronto, definido por teorias universais. O segundo princípio diz respeito à legitimação do singular como instância de produção do conhecimento científico, o que implica considerar que o valor do singular se dá pelo que se pode produzir de teoria a partir da própria singularidade. O terceiro princípio consiste em entender a pesquisa como um processo de comunicação e de diálogo. O processo dialógico com o participante da pesquisa é essencial tanto para definição acerca do objeto de estudo, quanto para compreensão da subjetividade do sujeito e a forma como suas condições sociais são constituídas nesse nível.

A ênfase dada à comunicação na construção do conhecimento baseia-se no fato de que grande parte dos problemas sociais e humanos tem raízes, direta ou indiretamente, na comunicação entre as pessoas. Dessa forma, ainda de acordo com González Rey (2005), a comunicação representa também um papel importante para a definição dos instrumentos da pesquisa, ao mesmo tempo em que transforma em um espaço coerente e contínuo de produção de conhecimento, uma vez que as repercussões do diálogo entre pesquisador e participante evidenciam o caminho essencial para continuidade da pesquisa.

Diante disso, evidencia-se a pesquisa qualitativa como um processo de comunicação contínua e que permite e estimula a expressão do sujeito.

Participantes

Participaram dessa pesquisa 2 adolescentes, do sexo feminino, ambas com 16 anos, que apresentam ou já apresentaram ideação suicida ou tentativa de suicídio e que estavam em um processo de avaliação psicológica. As participantes foram contatadas a partir da indicação de supervisores de estágio da clínica escola do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB (CENFOR) que atendem adolescentes. A participação das adolescentes se deu de maneira voluntária e mediante autorização dos pais. As participantes não tiveram sua identidade

exposta, uma vez que os nomes que constam nos resultados são fictícios e as informações pessoais foram mantidas em sigilo.

Instrumentos

O instrumento é um meio que o pesquisador pode utilizar para provocar a expressão do sujeito, não de forma que o obrigue a responder, mas sim que facilite a expressão de forma aberta e comprometida, usando estímulos e situações que o pesquisador julga mais apropriadas (González Rey, 2005).

Entrevista semiestruturada (Apêndice A)

Nesta pesquisa, um dos instrumentos utilizados foi a entrevista semiestruturada, que ocorreu com cada adolescente, individualmente, e teve como objetivo buscar compreender de que forma a autopercepção do adolescente está vinculada às suas relações familiares, com foco na relação parental e na ideação suicida. Na entrevista foram levantadas questões sobre: autoestima; autoconceito; relação parental; comunicação familiar; histórico familiar de ideação suicida ou de tentativa de suicídio; fatores de risco e proteção; e quais possíveis implicações estes fatores têm sobre a ideação suicida.

Complemento de frases (Apêndice B)

Para maior compreensão e aprofundamento nas entrevistas também foi utilizado como recurso o complemento de frases, que consiste na elaboração de frases incompletas pelo pesquisador, na qual os participantes respondem conforme sua subjetividade (González Rey, 2005). As frases continham temas específicos e gerais, relacionados ao conteúdo trabalhado. Esse recurso foi utilizado ao final da entrevista com objetivo de trazer mais informações e possibilitar um levantamento de possíveis indicadores de conteúdo.

Procedimento para construção das informações

Segundo González Rey (2005), a construção do cenário é uma etapa fundamental pois consiste em um espaço com o objetivo de promover, tanto o desenvolvimento da pesquisa, quanto o envolvimento dos participantes na mesma. Nesse espaço, o pesquisador apresenta aos participantes a pesquisa por meio da criação de um clima de comunicação que favoreça o envolvimento das pessoas. Para a realização da pesquisa, os participantes devem ser informados sobre a pesquisa e consultados em relação à sua disponibilidade, bem como os instrumentos que nela serão utilizados.

Tendo em vista o conteúdo sensível da pesquisa, primeiramente entrou-se em contato com a coordenação do Centro de Atendimento Comunitário do UniCEUB – CENFOR, solicitando a autorização (Apêndice A) para a realização da pesquisa com adolescentes que estivessem em acompanhamento psicológico ali. Em seguida, o projeto foi submetido ao comitê de ética e pesquisa e, após a aprovação deste (Apêndice B), deu-se início à pesquisa.

O acesso às participantes deu-se a partir da indicação de supervisores de estágio do CENFOR. O contato com as adolescentes e seus responsáveis, assim como a realização das entrevistas aconteceram de maneira presencial, no próprio CENFOR. No primeiro contato, foram apresentados às adolescentes e seus responsáveis o tema e objetivos da pesquisa. Os responsáveis pelas participantes e as participantes, que concordaram em realizar a entrevista receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice C) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice D) que contém os benefícios e riscos da pesquisa, questão do sigilo e da confidencialidade. Após todas as dúvidas das participantes e seus responsáveis terem sido esclarecidas e os termos terem sido assinados, foram organizados os encontros presenciais com cada adolescente para realização das entrevistas.

Os encontros foram marcados no CENFOR, em horários previamente combinados entre pesquisadora e participante, de acordo com a disponibilidade destas. Levando em consideração o cenário de pandemia devido a COVID-19 foram tomadas todas as medidas necessárias (higienização do ambiente, uso de EPI's, distanciamento adequado e uso de máscara). Além disso, em casos de desconforto ou mobilização de alguns conteúdos difíceis para as adolescentes, foi possível realizar um acolhimento de suas questões.

Com uma das participantes foi realizado apenas um encontro para a realização da entrevista, o qual teve duração aproximada de uma hora, e com a outra foram necessários dois encontros, com duração de aproximadamente 40 minutos cada, pois a entrevista havia se tornado extensa e a participante tinha outro compromisso em seguida. Primeiramente, buscou-se estabelecer um vínculo entre pesquisadora e participante e, logo em seguida iniciaram-se as perguntas sobre as percepções da adolescente sobre si mesma e suas relações familiares, os afetos, conflitos e como ela se percebia diante deles. A pesquisadora buscou ainda acessar sentimentos, percepções e vivências de cada uma das adolescentes em relação ao suicídio e/ou à ideação suicida. Também foram levantadas questões sobre histórico de suicídio ou ideação na família. Após a entrevista semiestruturada (Apêndice E), foi feito o complemento de frases (Apêndice F), com os mesmos objetivos da entrevista.

É importante ressaltar que por se tratar de um método dialógico, traz-se o que González Rey (2005) afirma sobre dinâmica conversacional, onde resalta-se que o pesquisador deve tornar o momento do encontro o mais agradável possível para que o participante se sinta confortável e confiante. Diante disso, a pesquisadora esteve atenta aos desdobramentos da conversa, pois nesse momento ficaram evidentes características e os estados das participantes.

Dessa forma, em todos os encontros foi feita uma avaliação da pesquisadora sobre os desdobramentos que se davam durante o processo, sempre que preciso houve acolhimento de cada participante, com pausas quando necessário, respeitando-se o tempo e espaço de cada uma. As entrevistas foram gravadas, com o consentimento das adolescentes e seus responsáveis. Ao serem finalizadas as entrevistas com cada adolescente, estas foram transcritas e se iniciou o procedimento de análise do material.

Procedimentos para análise das informações

A análise das informações do presente estudo se fundamentou no método de análise de conteúdo construtivo-interpretativo proposto por González Rey (2005). Segundo ele, esse tipo de pesquisa tem seu início através dos **indicadores**, que abrem portas para a construção de hipóteses, a partir das quais o pesquisador estabelece significados no decorrer da pesquisa, que o autor denomina de “**zonas de sentido**”.

Os indicadores são levantados a partir de elementos trazidos na fala dos participantes e recebem significação a partir da interpretação do pesquisador. Ainda de acordo com González Rey (2005), esses elementos produzidos constituem-se em instrumentos para a definição de zonas de sentidos sobre o problema estudado. Essas zonas de sentido, por sua vez, são construídas do ‘diálogo’ com os dados, que são uma referência dos processos construtivos do pesquisador.

Assim, a partir das informações produzidas desde o começo do processo, foi possível uma construção reflexiva que permitiu a compreensão dos sentidos subjetivos produzidos e expressados pelos participantes. A partir dos eixos de análise, e norteados pelas hipóteses e objetivos propostos para o estudo, os instrumentos proporcionaram o levantamento das informações necessárias para a construção dos indicadores, em um primeiro momento, e das

zonas de sentido, em seguida. Dessa forma, os indicadores e as zonas de sentido foram construídos após observações, transcrição e leitura exhaustiva do material empírico (González Rey, 2005).

A pesquisa por este método é um processo vivo, com imprevistos que solicitam acompanhamento e criatividade da pesquisadora para a compreensão do jogo permanente entre os indicadores, as ideias e os sentidos. Desta forma, toda esta construção ocorreu de forma processual e envolveu o desenvolvimento de um modelo teórico que permitiu representar a realidade pesquisada, considerando os diversos aspectos implicados nela que não podem ser estabelecidos previamente (González Rey & Martínez, 2017).

Resultados e Discussão

A partir das entrevistas realizadas com as duas adolescentes e da análise construtiva interpretativa dessas, foi possível identificar três zonas de sentido: “*Espelho, espelho meu*”; “*Se eu deixasse de existir...*”; e “**(Des)laços familiares**”. Essas zonas foram estabelecidas a partir dos indicadores levantados por meio da leitura e análise dos relatos de cada participante. A seguir discutiremos cada uma dessas zonas, serão utilizados os nomes fictícios Júlia e Marcela para se referir a cada participante. Para melhor compreensão, a seguir tem-se uma tabela com as zonas e seus respectivos indicadores.

Tabela 1.

Zonas de sentido e indicadores.

Zona de sentido	Indicadores
Espelho, espelho meu	Baixa autoestima, autoconhecimento enfraquecido, sentido de vida, contato social, angústia, vazio existencial, autocobrança, comparação.

“E se eu deixasse de existir...”	Sentimentos não compartilhados, fragilização emocional, ansiedade e angústia, baixa autoestima, vontade de sumir, futuro incerto, solidão, família, pandemia (COVID-19), morte como “alívio”, ideação e tentativa de suicídio, fatores de proteção.
(Des)laços familiares	Repressão de sentimentos, evitação de conflitos, comunicação fragilizada, vínculos parentais enfraquecidos, modelo inseguro, superproteção e insegurança, papel familiar, família: fator ambivalente.

Espelho, espelho meu

Essa zona de sentido leva esse nome pois diz respeito às percepções de cada adolescente sobre si mesma. Nela serão exploradas questões referentes à autoestima, identidade, dificuldades dessa fase entre outras. Os indicadores levantados a partir das entrevistas que caracterizam a primeira zona são: *baixa autoestima, autoconhecimento enfraquecido, sentido de vida, contato social, angústia, vazio existencial, autocobrança, comparação*.

Um indicador que teve muito destaque na fala das participantes foi a *baixa autoestima*. Através dos relatos, ficou evidente uma percepção negativa de si mesma, em ambas as participantes. Pôde-se perceber também, sentimentos de menos valia e uma identidade fragilizada. É notória a dificuldade que elas apresentam para falar algo positivo sobre si mesmas e a facilidade para pensar em algum defeito, como, por exemplo, no seguinte relato

de Marcela: “de mim eu não tenho nada positivo para se dizer”. Destaca-se, aqui, um sentimento de insegurança frente a diversas situações e frente a outras pessoas. Além disso, percebe-se uma maior preocupação com o outro do que consigo mesma, ou seja, uma anulação de si para satisfazer o outro, o que evidencia a relação entre os conflitos internos vivenciados pelo adolescente e a necessidade de pertencimento que existe nesse momento (Oliveira et al., 2020).

Também se destacou como indicador o *autoconhecimento enfraquecido*, expresso pela dificuldade para pensar e falar algo sobre si mesma, evidente nas entrevistas com as duas participantes. Quando eram convidadas a falar de algo relacionado a elas, haviam longas pausas, muitas vezes seguidas de “não sei” como resposta. Frequentemente respondiam com: “eu não sei me descrever” (Júlia) e “eu não tenho uma ideia formada sobre mim” (Marcela), o que exemplifica a dificuldade que essas apresentam em relação ao autoconhecimento e nos indicam uma fragilização da identidade.

Relacionado a esse indicador também tem-se o fator timidez, que foi trazido por Júlia, como algo que a atrapalha, mas que ela não sabia dizer muito bem como. Ela demonstra insatisfação quanto a isso e diz que gostaria de ser diferente, mas não sabe como o fazer. Um outro exemplo referente ao pouco autoconhecimento apresentado e que também relaciona-se com a baixa autoestima é o que Marcela traz: “eu acho que não tenho conteúdo”, referindo a si mesma como alguém “vazia”. É importante ter conhecimento também de suas qualidades. Vemos que a não observância dessas indica um autoconhecimento pouco estruturado e que pode resultar em uma baixa autoestima.

A partir disso, retoma-se o que Rodríguez e Damásio (2014) indicam em relação ao autoconhecimento na adolescência, de que quanto mais o adolescente o tem, mais facilmente tende a concretizar seu sentido de vida, uma vez que fará escolhas mais coerentes com seus

valores e sistemas morais. A construção de um sentido de identidade claro e confiante relaciona-se com positivas consequências ao desenvolvimento humano, como menores sintomas de depressão e ansiedade e maiores níveis de felicidade e satisfação com a vida, comportamentos pró-sociais e autoestima mais estável. Diante disso, percebe-se nas participantes um movimento contrário, no qual é apresentado um baixo autoconhecimento que também tem influência na baixa autoestima e na dificuldade de construir um sentido de vida, como será visto a seguir.

Pensando na adolescência enquanto um momento também de escolhas, houve questionamentos sobre o que cada adolescente consideraria como *sentido de vida* e o que se observou e foi considerado também como um indicador, é que esse sentido/objetivo ainda não está claro e também é visto como algo distante, do futuro, como se observa no seguinte trecho de uma das afirmações dadas sobre o assunto “talvez quando eu terminar os estudos ou mais pra frente, eu tenha algum objetivo assim” (Júlia). Observa-se ainda que essa dificuldade para enxergar um sentido de vida também está relacionada ao enfraquecido autoconhecimento e baixa autoestima que as adolescentes apresentam.

Uma outra resposta a essa questão que chamou atenção foi: “eu não sei se vou estar aqui” (Marcela), que deixa evidente uma dúvida quanto ao futuro e, pensando-se no contexto em que foi colocada, também evidencia uma possível ideação suicida, o que será melhor discutido mais à frente. Nota-se a importância de um sentido de identidade, pois esse é um fator fundamental para poder coordenar as ações, dar coerência à própria existência e estabelecer um vínculo com o mundo e a sociedade, o que pode também ser considerado um fator protetivo, de forma que a ausência ou enfraquecimento desse, incorrem como um fator de risco (Rodríguez & Damásio, 2014).

Uma questão fundamental no momento da adolescência e também durante toda a vida, diz respeito ao *contato social*. O ser humano é um ser em relação e por isso as interações sociais são de suma importância em todos os momentos da vida. No que concerne a esse indicador, observaram-se fatores de risco, como o isolamento, expresso pelas falas nas quais as participantes relatam se isolar em momentos em que se sentem fracas ou como forma de evitar algum conflito, e também o pouco contato social.

O isolamento também se apresenta como recurso para fugir de exposição ou para não lidar com confrontos, pois as participantes relatam que preferem se isolar e guardar tudo o que sentem apenas para si, o que pode ser prejudicial para a saúde mental, uma vez que esses sentimentos não são escutados e atendidos, além de ser fator de risco para o suicídio (Cardoso & Ceconello, 2019). Uma das adolescentes, Marcela, traz os amigos como uma parte importante de sua vida e como algo que a ajuda seguir em frente em momentos difíceis. Já no caso de Júlia, ela afirma ter poucos amigos e passar a maior parte dos dias sozinha em casa, tendo seu contato social resumido à família, o que pode ser considerado um fator ambivalente, como veremos mais à frente.

Também foram considerados como importantes indicadores, os sentimentos de *angústia* e *vazio existencial*. Esses sentimentos podem ser comuns à fase da adolescência, tendo em vista que esse momento é caracterizado também por muitas dúvidas, mudanças e possibilidades que podem também causar certo incômodo (Oliveira et al., 2020). Em alguns momentos da entrevista, as adolescentes relataram sobre esses sentimentos que surgem e às vezes permanecem por um longo tempo. Em determinado momento, Marcela falou: “falta alguma coisa em mim... tem um vazio”. Ela ainda faz colocações sobre esses sentimentos em momentos nos quais a ideia suicida está presente e também como gatilho para que a

ideação se apresente. Observa-se que essa relação reforça o que Marquetti e Leite (2018) mencionam sobre a crise suicida ser também um momento de angústia extrema.

Ainda relacionado à percepção que cada adolescente tem de si, também ficaram evidentes sentimentos de *auto-cobrança* e *comparação*. Esses são sentimentos comuns à fase, mas em nível elevado podem ser considerados fatores de risco. Em suas falas, há presença de julgamento sobre si mesmas, forte cobrança sobre si mesmas e comparação, na medida em que relatam, por exemplo: “eu reparo em todo mundo menos em mim” (Marcela), o que também se relaciona com a baixa autoestima. Falam ainda “gostaria de ser diferente” (Júlia) e “eu olho para as outras pessoas e sinto que tem alguma coisa errada comigo” (Marcela). As adolescentes expressam incômodo quanto a isso, o que acaba incorrendo numa cobrança sobre si mesmas no sentido de serem diferentes, para não “ter” esses sentimentos e para “ficar bem”, sem querer procurar ajuda ou sem “incomodar os outros”, guardando tudo para si, ciclo esse que também pode provocar angústia e ansiedade.

Esses relatos corroboram com o que Rodríguez e Damásio (2014) apontam sobre a adolescência enquanto um período do desenvolvimento humano no qual as pessoas geralmente experimentam diversos papéis sociais, vivenciam novas formas de relacionamento, desenvolvem novas habilidades e assumem novas normas de conduta. Também, é quando a pessoa começa a resolver muitas das inconsistências internas e dar maior coerência à concepção de si mesmo, construindo sua autoimagem e identidade, o que pode ficar bem exemplificado a partir do que foi apresentado.

Observou-se ainda, como esse momento pode ser um processo intenso e de muitas transformações, muitas vezes sentido pelo adolescente como algo estressante e gerador de mal-estar, propiciando conflitos internos e relacionais e que têm influência na percepção que

esse tem de si mesmo, em sua autoestima e em sua perspectiva de um sentido de vida (Oliveira et al, 2020).

O que se pode observar nessa zona de sentido de forma geral, é que tanto Júlia quanto Marcela apresentam baixa autoestima, pouco autoconhecimento e vivenciam sentimentos de angústia, além de não terem conhecimento de um sentido de vida claro, o que indica que as percepções que essas têm de si mesmas são, de maneira geral, negativas, e que foi considerado como fator de risco à ideação suicida.

“Se eu deixasse de existir...”

Essa segunda zona se refere aos sentimentos e vivências das adolescentes em relação ao suicídio e/ou à ideação suicida. Os indicadores da segunda zona são: *Sentimentos não compartilhados, fragilização emocional, ansiedade e angústia, baixa autoestima, vontade de sumir, futuro incerto, solidão, família, pandemia (COVID-19), morte como “alívio”, ideação e tentativa de suicídio, fatores de proteção.*

Ambas as participantes afirmam ter o costume de *não compartilhar seus sentimentos*. Elas afirmam: “eu guardo as coisas que eu sinto” (Júlia), “eu guardo tudo pra mim” (Marcela) e se referem tanto aos sentimentos de tristeza quanto aos de alegria e também aos sentimentos relacionados à vontade de morrer. Como foi visto anteriormente, o contato social e o compartilhar de sentimentos é importante para o desenvolvimento do ser humano e a ausência desse hábito pode causar sofrimento, uma vez que esses sentimentos não ganham espaço para serem ressignificados ou celebrados, como no caso da alegria, por exemplo. Segundo Eisenstein (2005) e Teixeira (2004), a ausência de compartilhamento dos sentimentos por parte do adolescente faz com que ele - ao lidar com sofrimento e conflitos - opte por alternativas negativas, que não lhe gerem qualidade de vida e bem-estar. A ideação suicida,

neste sentido, aparece ainda mais presente já que, por não expressarem seus sentimentos, os adolescentes também têm dificuldade de pedir ajuda. Em outras palavras, os adolescentes, em geral, apresentam sinais de risco, no entanto, é comum que tentem esconder esses planos ou pensamentos (Papalia & Feldman, 2013).

Nos relatos também pôde-se observar uma *fragilização emocional* das participantes, que leva ao isolamento, como se observa nos relatos de Marcela: “eu me sinto fraca, eu sou fraca emocionalmente” e “quando eu fico fragilizada, eu me isolo”. Nota-se uma maior vulnerabilidade a pensamentos e sentimentos negativos, deixando-as com o humor mais rebaixado e também mais expostas emocionalmente, uma vez que tendem a absorver muito do que lhes é exposto. E com isso retoma-se a questão do *isolamento* discutida acima, pois diante de uma fragilização, elas optam por se afastar e não por compartilhar ou dividir as angústias com alguém.

Neste sentido, é interessante pensar sobre a relação que Kovács (2018) aponta entre o desejo de morrer e um sofrimento que não está sendo expresso e cuidado. A autora afirma que o sofrimento é intolerável quando não está sendo cuidado e que, em consequência, pode levar a processos autodestrutivos. Por isso, reafirma-se a importância de olhar para os sentimentos e acolhê-los, compartilhá-los e procurar apoio em momentos difíceis, o que não foi observado nos relatos das participantes e se constitui como fator de risco.

Relacionado à ideação também foi possível perceber sentimentos de *ansiedade e angústia*. Notou-se que esses sentimentos causam grande sofrimento e algumas vezes implicam em pensamentos de morte ou mesmo estão presentes nesse pensamento, como uma das adolescentes relata: “quando eu tô muito ansiosa eu penso demais nisso” (Marcela) - se referindo à ideação suicida e “quando estou com esses pensamentos eu sinto uma angústia muito grande” (Marcela). Isso remete ao que Marquetti e Leite (2018) trazem sobre a crise de

ideação ou tentativa de suicídio sendo conduzida por uma intensa crise de sentido, uma angústia extrema, na qual se percebe uma impossibilidade de significação, ou seja, há uma disfunção na produção de sentido.

Mais uma vez a *baixa autoestima* se apresenta e deixa evidente nos casos entrevistados que ela está diretamente ligada à ideiação suicida. Observou-se em Marcela o sentimento de não gostar da própria companhia e a sensação de que não iria fazer falta caso deixasse de existir. Ela relata “eu não faria falta ou diferença” e “eu não gosto de mim ou da minha companhia”. Diante disso percebe-se a importância que há na estima que o adolescente tem de si mesmo e em como é fundamental que ela seja estruturada de forma saudável e funcional.

A autoestima mais estável está relacionada à favoráveis consequências do desenvolvimento humano, como por exemplo, ausência de depressão e ansiedade e níveis mais altos de felicidade e satisfação com a vida (Rodriguez & Damásio, 2014). É necessário que o adolescente primeiro se perceba como alguém importante para que depois receba isso de outras pessoas também. Durante a entrevista conversamos também sobre a importância de desenvolver a autoestima e de estar bem com si mesma.

Durante as entrevistas, as adolescentes relataram já terem tido *vontade de sumir* em diversos momentos de suas vidas, como Marcela coloca: “às vezes eu penso como seria se eu deixasse de existir”, o que nos permite identificar uma ideiação ainda presente. Essa vontade de sumir foi percebida principalmente em contextos de conflitos e de sentimentos de angústia e revela uma baixa habilidade para lidar com sentimentos e situações conflitantes, o que pode estar relacionado com diversos fatores, inclusive com a baixa autoestima e com a relação parental, que em seu caso, se mostrou bastante fragilizada. Importante enfatizar, neste momento, o quanto a aceitação dos pais e o envolvimento dos mesmos na vida do jovem são

considerados fatores de proteção. Estes contribuem fortemente para a prevenção do envolvimento do adolescente em situações de risco (Magnani & Staudt, 2018; Zappe & Dell'Aglio, 2016; Zappe & Dapper, 2017).

Dessa vez relacionado ao suicídio, apresenta-se mais uma vez a perspectiva de um *futuro incerto*, no sentido de não se imaginar tendo um futuro ou perspectivas para ele. Quando perguntada sobre seus planos e expectativas quanto ao futuro, Marcela disse: “eu não sei se estarei lá”. Essa fala contém um teor de ideação suicida e esse indicador também compõe os fatores de risco. Ela disse que às vezes pensa sobre isso, mas não consegue se ver nessa perspectiva, principalmente quando está passando por momentos nos quais ela considera estar fragilizada.

Também chamou atenção nas falas das participantes o temor à *solidão* que ambas apresentam. Elas relatam: “eu tenho muito medo de ficar sozinha” (Júlia), “eu não gosto da minha companhia” (Marcela), “quando eu tô sozinha, esses sentimentos ficam mais fortes” (Marcela), sendo “esses sentimentos” referidos à vontade de morrer. Sabe-se que o isolamento é um dos fatores de risco ao suicídio (Cardoso & Cecconello, 2019), e no que diz respeito ao temor à solidão, pode-se percebê-lo como indicador de uma angústia extrema (Marquetti & Leite, 2018) e pode-se ainda, relacioná-lo a um sofrimento que não está sendo cuidado (Kovács, 2018).

O mundo está passando por um complexo momento de *pandemia* devido à COVID-19 e essa também se apresentou como fator de risco para uma das participantes, Marcela, que relata “esse momento de pandemia me isolou muito então pensei muito sobre isso” se referindo à vontade de morrer. Sabe-se que esse período teve e continuará a ter grandes repercussões em todos os aspectos da vida, inclusive no que se refere à saúde mental. Vê-se que a pandemia e o isolamento estabelecido para tentativa de contenção do vírus causaram

grande impacto e afetaram de diversas formas a vida das pessoas, inclusive da participante, ao ponto de servir como gatilho para ideação suicida. Por isso reforça-se a importância da ajuda psicológica e dos fatores protetivos.

A *família* também foi colocada em diversas perspectivas pelas adolescentes. Sobre as relações familiares, a próxima zona abordará de forma mais aprofundada. No entanto, atendo-se a ela enquanto um fator de risco à ideação, pode-se perceber os conflitos nela envolvidos, a relação com os pais, as discussões, os problemas de comunicação e a não proximidade como os principais fatores. Sobre esses conflitos, Júlia relatou: “quando eu brigava com meus pais essa ideia (de morrer) vinha na minha cabeça”. Ela também relata que a falta de comunicação ou a não compreensão dos pais em alguns momentos a abala muito. No caso de Marcela, o que fica mais evidente é a pouca proximidade que tem de sua mãe e a ausência de contato com o pai, que segundo ela, já foram grande fonte de sofrimento.

Com isso, verifica-se que o tipo de família em que os adolescentes estão inseridos e seu funcionamento influenciam diretamente na tomada de decisões e comportamentos de risco assumidos por ele em relação à vida (Gouveia, Abreu & Martins, 2014). E ainda, corroboram com o que Nunes e Mota (2017) apontam em relação às relações familiares fragilizadas, que parecem ocasionar maior insegurança e desvalorização pessoal ao adolescente pela carência de interação. Podem até mesmo levar o adolescente a vivenciar dificuldades nas suas relações sociais e a considerar de forma mais consistente a ideação suicida.

Especificamente sobre a *Ideação e tentativa* de suicídio, o que as adolescentes trouxeram foi: “a morte não me assusta” (Marcela), “em vários momentos já tive vontade de morrer” (Marcela), “algumas vezes já tive vontade de morrer” (Júlia), “eu já tentei me matar, mas minha amiga me achou” (Marcela) “eu pensei em tomar os remédios que tinham lá em

casa” (Júlia). Esses relatos evidenciam que tanto Júlia quanto Marcela já apresentaram um desejo de deixar de existir, o pensamento e até mesmo a tentativa de suicídio, realizada por Marcela. No entanto, Júlia afirma que esses pensamentos eram momentâneos e que nunca teve coragem de fato, e diz também que esses não estão mais presentes em sua vida. Diferente do caso de Marcela, que ainda lida frequentemente com esses pensamentos.

Relacionado a isso, observa-se que a morte é vista tanto como “*alívio*” quanto como algo temido, “quando penso na morte sinto um alívio” (Marcela), “quando escuto a palavra morte sinto medo” (Júlia). E diante disso, nos casos entrevistados evidencia-se que ela é vista também e principalmente como uma forma de não saber lidar com confrontos e conflitos, como se deixar de existir fosse uma solução para os problemas. Há uma baixa habilidade para lidar com situações conflituosas e também uma solução disfuncional para o problema, pois entende-se que o que elas desejam de fato não é deixar de existir, mas se verem sem o que lhes causa dor e sofrimento.

Penso e Sena (2020) apontam que, quando o jovem pensa em suicídio, seu desejo maior é deixar de sofrer, acabar com algo que é insuportável, e não com a sua própria vida. Essa colocação pode ser vista nos exemplos acima e em outros momentos das entrevistas. O real desejo das adolescentes não é de fato deixar de existir, mas sim se verem sem esse sofrimento. O que se faz necessário é a construção de formas mais saudáveis e novas habilidades para lidar com essas situações que lhes causam angústia.

Até o momento foram apresentados os fatores de risco relacionados à ideação suicida observados nos relatos das participantes. No entanto, é importante que se ressalte também os *fatores de proteção*, fundamentais para o desenvolvimento humano e que se mostraram de suma importância na história de vida delas. Entre os fatores protetivos que elas trouxeram encontra-se o relacionamento amoroso. Ambas estão em um e relatam que representam um

grande suporte para elas. Uma delas diz “minha namorada é quem me acalma” (Marcela). E afirma que essa é uma presença importante para sua vida. Júlia também traz seu namorado como uma pessoa importante e que tem feito parte de sua rotina, inserindo vivências novas, já que antes era mais voltada para a família e ficava praticamente em casa.

Outros fatores de proteção encontrados foram: o esporte e os amigos. Eles aparecem como promotores de saúde física e mental pois proporcionam contato social e perspectivas para o futuro. Marcela afirma: “eu me sinto feliz quando estou jogando futebol”. Por mais que as participantes tenham a tendência a se isolar em momentos de dificuldade ou fragilidade emocional, elas afirmam que a presença dos amigos e o esporte são fundamentais e que quando estão em interação com outras pessoas, sentem-se melhor.

A família é referida de forma ambígua e, como se sabe, essa pode ser tanto um fator de risco como de proteção. No entanto, atendo-se a ela de forma protetiva, observa-se que o apoio dos pais, trazido por Júlia, é fundamental, e a irmã mais nova também. Ela relata inclusive que a irmã foi um dos principais motivos para ter desistido da ideia de morrer “eu pensei na minha família, na minha irmã e desisti da ideia”. Júlia também afirma a importância que o apoio dos pais tem para ela e que, apesar dos conflitos, ela sabe que eles são seu suporte e que entende que eles fazem o melhor que podem.

A partir do que foi visto e conforme o que trazem Oliveira et al. (2020) pode-se perceber que da mesma forma que a adolescência pode representar fator de proteção ao desenvolvimento do indivíduo, esta pode ser considerada também fator de risco. Ao que se refere ao risco, observou-se que o adolescente pode se aproximar de comportamentos impulsivos, agressivos, ansiogênicos, depressivos e até mesmo suicidas, como ficou evidente nos relatos das participantes.

Alguns dos fatores de risco relacionados ao suicídio são o isolamento social, o histórico familiar de doenças mentais, o histórico familiar de agressão ou abuso, a declaração ou pensamentos de intenção (Cardoso & Ceconello, 2019; Faro & Santos, 2018; Pereira, Willhelm, Koller, & Almeida, 2018.) Foi possível identificar alguns desses nos casos entrevistados e também observou-se a presença de outros, como foi explicado. O que não foi visto nos relatos das participantes foi a presença de doenças mentais ou qualquer desordem biológica.

Em contraponto aos fatores de risco, tem-se os fatores de proteção a serem considerados neste contexto: relacionamentos interpessoais significativos, como família, amigos e ambiente saudável de trabalho; e aspectos pessoais como autoestima, habilidades sociais e autoeficácia (Pereira, Willhelm, Koller, & Almeida, 2018). Foi notória a importância desses fatores para cada adolescente e como a ausência deles pode ser prejudicial, principalmente no que se observou em relação à autoestima e às habilidades sociais.

(Des)laços familiares

Nessa zona de sentido objetivou-se identificar aspectos da dinâmica familiar (afetos, desafetos, conflitos e comunicação) que influenciam na construção da autoimagem do adolescente e em seu comportamento ou ideação suicida e ainda, investigar aspectos da transgeracionalidade que influenciam a ideação suicida na adolescência. Os indicadores encontrados na terceira zona foram: *repressão de sentimentos, evitação de conflitos, comunicação fragilizada, vínculos parentais enfraquecidos, modelo inseguro, superproteção e insegurança, papel familiar, família: fator ambivalente.*

A partir do relato das adolescentes, pode-se identificar um padrão de *repressão de sentimentos*. Ambas as participantes apresentam dificuldade ao expressar seus sentimentos e

revelam que tendem a guardar tudo para si mesmas, assim como seus pais: “eu sou fechada igual meu pai” (Júlia); “minha mãe é muito fechada, eu só a vi chorar uma vez na vida” (Marcela). Com isso percebe-se que existe um costume familiar de reprimir os sentimentos, de não expressar abertamente o que está sendo sentido. Isto corrobora com o que alguns autores apontam sobre a família de origem ser depositária de tensões, medos, segredos, heranças e vínculos que são transmitidos a cada geração, o que evidencia a importância de olhar para o sujeito também a partir do que recebeu das gerações anteriores e compreender a repercussão dessas questões em sua vida (Scorsolini-Comin & Santos, 2012; Razera, Cenci & Falcke, 2014).

Também pôde-se perceber um movimento de *evitação de conflitos*. As participantes preferem deixar a situação conflitante passar sem discutir sobre, mesmo que isso lhes cause sofrimento. Marcela afirma que durante a infância, presenciou muitas brigas dos pais e por isso evita ao máximo qualquer tipo de conflito. Ela diz “eu não gosto de brigar, então eu choro e me isolo”. Essa evitação pode ser disfuncional, pois ela retém tudo para si e não há uma abertura para que esses confrontos sejam elaborados; são apenas evitados e dessa forma o crescimento também pode deixar de acontecer. Porém, pode ser entendida também como uma forma de se proteger, como algo que ela consegue lidar naquele momento.

Nunes e Mota (2017) indicam que as relações marcadas pelo bloqueio da exploração e da individualidade parecem ocasionar maior insegurança e desvalorização pessoal pela carência de interação, que podem levar o adolescente a vivenciar dificuldades nas suas relações sociais e a considerar de forma mais consistente a ideia suicida. Pode-se perceber a aplicação dessa afirmação nos casos apresentados, como viu-se nos indicadores acima, e ainda relacionando-os com as zonas de sentido anteriores que exploram a autopercepção dos adolescentes e sua relação com a ideia suicida.

Relacionada a essa evitação, percebe-se uma *comunicação fragilizada* nas famílias das participantes. Elas falam sobre as dificuldades vividas em alguns momentos para expor seus pensamentos, contradizer alguma coisa ou até mesmo a ausência de diálogo. Marcela disse, em relação à mãe: “a gente quase não conversa”, sendo que essa mãe é sua única figura parental presente. Ela relata ainda ser alvo de uma espécie de “descarga” emocional da mãe: “quando minha mãe tá estressada ela desconta em mim, ela não vai descontar na pequena então sobra pra mim” (Marcela). Essa inassertividade da mãe evidencia a fragilidade na comunicação e tem implicações negativas para a adolescente que internaliza esses “desabafos” e não expressa o que se passa com ela.

A outra participante, Júlia, traz um outro viés dessa fragilização: a falta de diálogo em momentos de discordância com os pais. Ela fala “quando a gente briga eu só vou pro meu quarto porque minha mãe nem deixa eu falar”, “às vezes eles não são compreensivos” e “quero explicar meu ponto de vista e eles não entendem/não aceitam”, o que mostra a falta de espaço para a adolescente expressar seu ponto de vista em momentos de conflito e a oportunidade que se passa de talvez fortalecer a relação por meio do diálogo.

Como afirmam Zappe e Dell’Aglia (2016), o favorecimento de um desenvolvimento saudável durante a adolescência representa um desafio às famílias, que precisam se reorganizar de forma a estabelecer relações mais horizontais e baseadas em negociações mútuas para promoção da autonomia do adolescente. Com isso evidencia-se a importância de uma comunicação mais aberta e a necessidade de um espaço para que os adolescentes também se coloquem, o que não foi percebido nos relatos das participantes da pesquisa.

A *decepção com a figura paterna* também apareceu como um indicador na pesquisa. Marcela relata que conviveu com o pai apenas pelo período de um ano, quando morou no mesmo estado que ele, com apenas 12 anos. Sobre essa convivência, ela diz: “a imagem que

eu tinha dele foi totalmente desmanchada”. Por ter vivido sem essa presença paterna, ela acrescenta: “essa relação em família me fazia muita falta”. Tanto a presença quanto a ausência do pai trouxeram consequências para si, inclusive no que tange a seus hábitos de comunicação e evitação de conflitos.

Não só pela ausência do pai, mas de maneira geral, pode-se perceber os *vínculos parentais enfraquecidos* nos relatos das adolescentes. Elas se dizem distantes de seus pais, de não possuírem uma relação mais de convivência com eles. Perguntado a Marcela sobre como percebe sua família, ela diz: “minha família é algo bem distante”. E em continuidade ela coloca: “em relação à minha família sinto falta de presença”, o que nos indica que esse vínculo enfraquecido ou ausente, pode causar sofrimento à adolescente e ainda, influenciar de maneira negativa a percepção que ela tem de si, pela falta de apoio e de relacionamento, como ela coloca: “a gente não tem um contato muito forte”.

Tendo isso em perspectiva e como contraponto, retoma-se o que Nunes e Mota (2017) apresentam, de que a qualidade do laço emocional com as figuras parentais encontra-se associada ao desenvolvimento congruente de competências sociais e a uma menor predisposição para a ideação suicida, na medida em que estes fatores fornecem segurança ao adolescente para explorar o seu meio social e enfrentar as sucessivas mudanças relativas a esse momento. E, como observado nos dois casos, há um laço emocional fragilizado e a presença de comportamentos de risco, como a ideação suicida, apontando uma possível relação entre esses fatores, principalmente no caso de Marcela, em que os laços familiares são mais fragilizados e a ideação ainda é presente.

Outro aspecto que também chamou atenção foi o *modelo inseguro (parental)* presente em alguns momentos dos relatos. No caso de Júlia, o relato é de que seus pais são muito autoritários e que isso lhe causa certo sofrimento, pois não consegue perceber um espaço para

se colocar ou ter suas próprias experiências. Por outro lado, Marcela, coloca sua mãe como mais “liberal”, mas que essa liberdade às vezes a deixa confusa por ser muito relativa, e varia em algumas situações que segundo ela, não fazem sentido. Isso corrobora com o que Oliveira et al. (2020) colocam sobre o processo de construção da identidade na adolescência e que mediante regras e valores inconsistentes e frágeis na família, os conflitos tornar-se-ão ainda maiores. E entende-se que esses conflitos sejam tanto na família quanto aqueles internalizados pelo adolescente.

Em um dos casos foi possível perceber uma relação entre *superproteção e insegurança*, na qual a adolescente afirma: “eles são muito superprotetores, até demais (os pais)” (Júlia). E a partir dessa relação tem-se a insegurança vivenciada pela adolescente, que por estar acostumada a essa proteção, sente-se despreparada para enfrentar ou lidar com algumas situações sozinha e teme ainda ficar sozinha. Pode-se colocar ainda a pressão parental, que aumenta essa insegurança. Sobre isso, ela diz “eu me sinto pressionada em relação aos meus pais” (Júlia), evidenciando certa disfuncionalidade nesse modelo, que mostra-se um fator de risco ao desenvolvimento e relaciona-se inclusive, com a timidez que ela trouxe no começo da entrevista, como algo que lhe incomoda, mas no qual ela se vê “presa”.

É importante ressaltar que práticas parentais mais adequadas são indicadas como fatores de proteção. Os pais que acompanham o desenvolvimento dos filhos - estando presentes e sendo acolhedores - podem fortalecer a identidade do adolescente e minimizar o envolvimento em comportamentos de risco (Magnani & Staudt, 2018; Zappe & Dell’Aglío, 2016; Zappe & Dapper, 2017).

No entanto, essas práticas parentais se constituem como um grande desafio para os pais, que precisam mediar e negociar, no que diz respeito à autoridade, disciplina, educação e

comunicação com os filhos. Na realidade, o que se observa é que estas práticas variam ora como permissivas, ora como excessivamente rígidas (Reichert, 2011). Partindo dessa colocação e tendo em vista o tópico anterior, observa-se a discrepância existente e é possível visualizar um cenário ideal *versus* real, no caso das adolescentes participantes. E quanto ao comportamento de risco, evidencia-se a ideação suicida que elas apresentam e que inclusive relacionam aos conflitos familiares vivenciados na época.

As práticas parentais estão associadas, portanto, a outra questão fundamental no desenvolvimento do adolescente que se refere aos papéis que cada membro desempenha na família (*papel familiar*). É importante que cada pessoa da família saiba seus papéis neste contexto e sua importância. Nos relatos das participantes, o que se observou foi uma perspectiva reduzida e não muito positiva desses. Júlia relata: “não sei dizer quando sou um membro importante da família” e também “acho que o meu papel é de ajudar”. Já no caso de Marcela, ela se percebe e se sente preterida em relação à irmã mais nova, e diz que isso já lhe causou muito sofrimento quando era um pouco menor. Inclusive, sobre essa irmã, ela sempre se refere como “a pequena” e nunca como “minha irmã”, e fala que elas nunca tiveram uma relação próxima. Ela coloca também que se sente importante na família quando falam dela, o que nos indica a necessidade de que os papéis positivos sejam reforçados e reafirmados pelos outros membros da família.

Diante disso, retoma-se o que Pereira e Sudbrack (2010) apontam, que crianças e adolescentes que crescem em um ambiente com regras claras, em geral, são mais seguros e mediante algum conflito, estão mais preparadas para enfrentá-lo, ou seja, ambientes onde o papel de autoridade e afeto são assumidos pelos adultos, as crianças e os adolescentes tornam-se mais capazes de lidar com frustrações e adversidades; percebem-se apoiados e acabam desenvolvendo recursos para superá-las. Em contraponto, existem também situações nas quais

não se tem acesso a figuras que desempenham esses papéis, o que pode contribuir para que os adolescentes se insiram em contextos de risco em busca de reconhecimento e de ascensão social.

Por fim, fica evidente durante a análise das informações que a família se mostra como um *fator ambivalente*, tanto de risco quanto de proteção. Por um lado, no caso de Júlia, tem-se relatos como: “tenho vontade de sumir quando brigo com meus pais” e “sempre que eu tinha esses pensamentos era por conta de alguma briga com meus pais”; e por outro: “eu desisto dessa ideia quando eu lembro da minha família e de quem se importa comigo” e “eu pensei neles naquela hora e desisti”. Essa ambiguidade não é o ideal, mas observamos que apesar dos conflitos, há também um espaço de proteção. Como afirmam Falcke e Wagner (2014), toda família, em seu desenvolvimento vital, está sujeita a passar por crises, que apesar de se constituírem em um momento de instabilidade, podem levar ao crescimento e proporcionar também amadurecimento a seus membros.

Como se sabe, um relacionamento de afetividade e disciplina estimula o adolescente a se sentir aceito, seguro e valorizado, o que contribui para que seu desenvolvimento se dê de maneira mais saudável. Assim, evidencia-se que a autoestima e a autoeficácia; a aceitação dos pais; e o envolvimento dos mesmos na vida do jovem são considerados protetivos pois podem contribuir para a prevenção da possibilidade de envolvimento em comportamentos de risco como por exemplo, o suicídio (Magnani & Staudt, 2018; Zappe & Dell’Aglia, 2016; Zappe & Dapper, 2017). Observando os casos da pesquisa, podemos ver que há uma relação entre a ausência desses fatores protetivos e a presença de um comportamento de risco - ideia suicida - especialmente no caso de Marcela, que aparenta e relata ter menos vínculo familiar.

Sabe-se que as transmissões referentes aos valores e crenças familiares são parte da estrutura do núcleo familiar, sendo os pais e mães modelos de espelhamento e identificação

para seus (as) filhos (as). Essas considerações direcionam ao questionamento de que a transgeracionalidade no contexto familiar é inevitável (Botton, Cúnico, Barcinsk & Strey, 2015). Ao falar sobre a família e também sobre autopercepção, foi possível perceber semelhanças das adolescentes com o que elas traziam de características de seus pais, especialmente no que diz respeito às características de personalidade, o que corrobora também com o que Bucher-Maluschke (2008) coloca a respeito de que a transmissão geracional contribui para a formação da identidade do indivíduo, além de influenciar o modo como ele experimentará e atuará no mundo por meio das relações que estabelece. O que não foi possível perceber, com os relatos, foi a presença de um histórico familiar de ideação ou tentativa de suicídio pois, as adolescentes não souberam falar sobre isso.

Como foi possível observar, as vivências e modelos aprendidos pelo sujeito, tanto boas quanto ruins, podem se repetir em outros relacionamentos. Com base nisso, é importante que se olhe para a família como sistema que fornece sustento emocional e dá embasamento para a constituição psíquica do sujeito (Scorsolini-Comin & Santos, 2012; Razera, Cenci & Falcke, 2014).

É válido ressaltar que ambas as adolescentes estavam, no momento das entrevistas, em um processo de avaliação psicológica, e mesmo que tenham procurado o apoio por outros motivos, é um movimento de autocuidado fundamental para o desenvolvimento e crescimento delas, bem como, para sua saúde mental.

Considerações Finais

A adolescência é um momento complexo e contraditório do desenvolvimento humano, no qual existem muitos questionamentos, mudanças, conflitos e construções. Para a construção dessa fase do ciclo de vida, é importante que haja um desenvolvimento saudável da autoestima, bem como é fundamental o apoio da família. Porém, o adolescente já chega a esta etapa com uma autopercepção de si e uma autoestima constituídas. Assim, como uma

relação familiar também já estabelecida. Dessa forma, pode não ser tão simples para o adolescente construir, nessa etapa, um desenvolvimento saudável e contar com apoio familiar nessa etapa. Nesse processo ainda, se fazem necessários os fatores de proteção, como foi observado, e constata-se que a ausência desses, somada aos fatores de risco, podem ocasionar comportamentos disfuncionais ou de risco, como por exemplo, a ideação ou a tentativa de suicídio. Esse fenômeno envolve diversos indicadores, e demanda compreensão, acolhimentos e medidas de proteção e prevenção.

A partir de tudo que foi apresentado, percebe-se que o estudo cumpre com o objetivo de compreender a maneira como a autopercepção do adolescente e de suas relações familiares implicam no comportamento e/ou ideação suicida. Foi possível observar nos relatos das participantes uma associação entre a autopercepção, que era predominantemente negativa e a ideação e tentativa de suicídio, bem como a relação entre conflitos familiares e a ideação suicida, mostrando-se ambas bem mais complexas do que poderia se supor inicialmente. Ainda, foi possível verificar, além dos objetivos propostos, alguns impactos que o atual cenário de pandemia traz, o que nos atenta para a fundamental importância do cuidado com a saúde mental.

Também foi possível perceber a influência das relações familiares na autopercepção negativa das adolescentes, principalmente relacionados à comunicação e aos conflitos. Além disso, observou-se ainda uma repetição de padrões, principalmente no que diz respeito à personalidade. No entanto, não foi possível verificar a repetição da tentativa ou ideação suicida, pois as participantes desconhecem qualquer histórico desses em suas famílias. Houve assim, uma dificuldade para se trabalhar aspectos transgeracionais, o que é percebido como uma limitação do estudo, e sugere-se para pesquisas posteriores, o uso de instrumentos que possibilitem maior conhecimento nesse sentido, bem como a presença de outros familiares para maior compreensão.

Entende-se também como uma limitação do estudo, a pequena amostra de participantes, bem como elas apresentarem a mesma idade. Para pesquisas posteriores, faz-se interessante uma amostra maior e mais diversificada em relação à idade e gênero. Pode ser interessante ainda, uma pesquisa na qual os pais/responsáveis também sejam entrevistados, para que se tenha uma compreensão de seu ponto de vista. Além disso, a realização de estudos com outras faixas etárias e outros contextos. O suicídio, como já foi colocado, faz parte de um cenário de saúde pública, e é cada vez mais necessário que haja novos estudos em busca de compreendê-lo para que sejam construídas e estabelecidas formas de prevenção e pósvenção.

Para finalizar, segue uma frase de Karina Fukumitsu que muito inspira os estudos relacionados ao suicídio e à temática da morte, na qual ela diz “*Se tem vida, tem jeito*”. A partir dela, compreende-se que mediante situações de crise e angústia existencial, a vida em si se mostra como uma potência para o crescimento; o ser e o estar representam também as possibilidades; estas podem até estar adormecidas, mas ainda podem ser despertadas. Assim, reforça-se a importância do trabalho da psicologia nesse processo como ferramenta para tornar real essa frase, de forma a auxiliar os sujeitos nessa jornada do autoconhecimento e de construção relacional, em busca de maneiras mais funcionais para lidar com seus conflitos e crises e ressignificá-los, pois, se não houver intervenção, o “não tem jeito” poderá prevalecer. Como vimos pelos autores e pela pesquisa, seria muito difícil, senão impossível, uma jornada de superação autossuficiente, é necessário que os sujeitos sejam auxiliados.

Referências Bibliográficas

- Azevedo & Matos (2014). Ideação suicida e sintomatologia depressiva em adolescentes. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15 (1), 180-191
- Barros, P. D. Q., Pichelli, A. A. W. S., & Ribeiro, K. C. S. (2017). Associação entre o consumo de drogas e a ideação suicida em adolescentes. *Mental*, 11(21), 304-320.
- Bock, Ana Mercês Bahia. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76.
- Botton, A. C., Cúnico, S. D., Barcinski, M., & Strey, M. N. (2015). Os papéis parentais nas famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando famílias*, 19(2), 43-56.
- Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8069 de 13 de julho de 1990.
- Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. In M. A. Penso & L. F. Costa (Orgs.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: Da pesquisa à intervenção* (pp. 76-96). São Paulo: Summus.
- Cardoso, A. S., & Cecconello, A. M. (2019). Fatores de risco e proteção para o suicídio na adolescência: uma revisão de literatura. *Revista Perspectiva: Ciência e Saúde*, 4(2).
- Ciampa, A. D. C. (1985). Identidade. In Lane, Silvia TM e Codo, Wanderley (orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. 2ª Edição. São Paulo: Brasiliense.
- Ciampa, A. C. (2001). *A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). *Parenting style as context: An integrative model*. *Psychological Bulletin*, 113 (487-493).
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência e Saúde*, 2(2), (6-7).

- Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. *Como se perpetua a família*, (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Faro, A.; Santos, L. C. S. Suicídio na adolescência: panorama, cuidados e escuta. In: Angerami, V. A. (Org.). *Sobre o suicídio: psicoterapia diante da autodestruição*, p. 169-189. Belo Horizonte: Artesã, 2018.
- Fukumitsu, K. O. (2014). O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. *Psicologia USP*, 25(3), 270-275.
- Fukumitsu, K. O. (2018). *Vida, morte e luto: Atualidades brasileiras*. Summus Editorial.
- Gonçalves, M. F. R. (2015). *Funcionamento familiar, suporte social e a transgeracionalidade da ideação suicida* (Dissertação de mestrado).
- Gonçalves, A., Freitas, P. & Sequeira, C. (2011). Comportamentos suicidários em estudantes do ensino superior: fatores de risco e proteção. *Millenium*, 40, 149-159.
- González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. Thomson: São Paulo.
- González Rey, F. & Martínez, A. M. (2017). *Subjetividade teoria, epistemologia e método*. Campinas: Alínea editora.
- Gouveia-Pereira, M., Abreu, S. & Martins, C. (2014). How do Families of Adolescents with Suicidal Ideation Behave?. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27 (1), 171-178
- Habigzang, L. F., Diniz, E., & Koller, S. H. (2014). *Trabalhando com adolescentes: Teoria e intervenção psicológica*, (pp. 30-41, 101-115), AMGH Editora.
- Jahn, G. M., & Dell'Aglio, D. D. (2017). A religiosidade em adolescentes brasileiros. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(1), 38-54.

- Kovács, M. J. (2018). *Morte com dignidade*. In. Fukumitsu, K.O *Vida, morte e luto- Atualidades brasileiras*, (pp. 29-48). Summus Editorial.
- Krüger, L. L., & Werlang, B. S. G. (2010). A dinâmica familiar no contexto da crise suicida. *Psico-USF*, 15(1), 59-70.
- Lane, S. T. M. (2002). A dialética da subjetividade versus a objetividade. In O. Furtado, Odair & F. González-Rey (Eds.), *Por uma epistemologia da subjetividade: Um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais* (pp. 11-17). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Lima Braga, L., & Dell'Aglio, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1), 2-14.
- Magnani, R. M., & Staudt, A. C. P. (2018). Estilos parentais e suicídio na adolescência: uma reflexão acerca dos fatores de proteção. *Pensando famílias*, 22(1), 75-86.
- Marquetti, F., & Leite, P. (2018). *Intervenção na crise suicida: silenciar determinantes ou produzir sentidos e ações na ruptura*. In. Fukumitsu, K.O *Vida, morte e luto- Atualidades brasileiras*, (pp. 155-165), Summus Editorial.
- Menda, L. (2013). Diário da queda: a força da transmissão entre gerações e a transgeracionalidade. *Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, 5 (2), 20-30.
- Minuchin, S. (1982). Um modelo familiar. In: Minuchin S. *Famílias: funcionamento e tratamento*, (pp. 52-69), Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Miranda, R et al. Characteristics of suicidal ideation that predict the transition to future suicide attempts in adolescents. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, and Allied Disciplines*, 55(11), 1288–1296, 2014.

- Morais, N. A. de, Lima, R., & Fernandes, J. (2014). A adolescência e o contexto familiar. In L. F. Habizang; E. Diniz & S. H. Koller (Eds.), *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica* (pp. 101-117). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Moreira, L. C. O., & Bastos, P. R. H. O. (2015). Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), 445-453.
- Nunes, F. & Mota, C. P. (2017). Vinculação aos pais, competências sociais e ideação suicida em adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(3), 52-65.
- Oliveira, M., Pacheco, M., Paula, J., Ramires, J., Silva, M., & Fitaroni, J. (2020). Suicídio na adolescência: Um estudo a partir da Psicologia do Desenvolvimento. *TCC-Psicologia*.
- Organização Mundial da Saúde (2000). *Prevenção do suicídio: Um manual para profissionais da saúde em atenção primária*. Genebra: Organização Mundial da Saúde.
- Organização Mundial de Saúde (2016). *Suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo*.
- Papalia, D. E.; Feldman, R. D. *Desenvolvimento físico e cognitivo na adolescência*. In: Papalia, D. E.; Feldman, R. D. *O desenvolvimento humano*. 12ª ed. – Porto Alegre: AMGH, 2013, (pp. 384-419).
- Penso, M. A., & Neves, V. L. (2008). *Abuso sexual infantil e transgeracionalidade. A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. São Paulo: Summus.
- Penso, M. A., & Sena, D. P. A. (2020). A desesperança do jovem e o suicídio como solução. *Sociedade e Estado*, 35(1), 61-81.

- Pereira, Anderson Siqueira, Wilhelm, Alice Rodrigues, Koller, Silvia Helena, & Almeida, Rosa Maria Martins de. (2018). Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(11), 3767-3777.
- Reichert, C. B. (2011). Educar para a autonomia. In. *Wagner, A & Cols (2011). Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*, (pp. 89-98), Porto Alegre: Artmed.
- Razera, J., Cenci, C. M. B., & Falcke, D. (2014). Violência doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(1), 47-51.
- Rodríguez, S. N., & Damásio, B. F. (2014). Desenvolvimento da identidade e do sentido de vida na adolescência. *Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica*, 30-41.
- Silva, I. M. D., Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2010). Em busca da "cara-metade": motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 27(3), 383-391.
- Santos, S. A., Lovisi, G., Legay, L., & Abelha, L. (2009). Prevalência de transtornos mentais nas tentativas de suicídio em um hospital de emergência no Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 25, 2064-2074.
- Santos, W. S., Ulisses, S. M. Costa, T. M. Farias, M. G., & Moura, D. P. F. (2016). A influência de fatores de risco e proteção frente à ideação suicida. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 17(3), 515-526.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Família interdita: transgeracionalidade e subjetivação em três obras ficcionais. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 255-266.
- Senna, Sylvia Regina Carmo Magalhães, & Dessen, Maria Auxiliadora. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101-108.

- Siebel, M. T., Santos, B. D. S., Moreira, L. M., & Santos, V. S. (2019). A influência das redes sociais para o suicídio na adolescência. *Revista Ciência (In) Cena*, (8), 121-133.
- Silva, D. R. (2008). Luto disfuncional: Contribuições e intervenções da terapia familiar sistêmica. In R. M. S. Macedo, *Terapia familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Roca
- Teixeira, C. M. F. S. (2004). Tentativa de suicídio na adolescência. *Revista UFG*, 6(1).
- Teixeira, M. A. P., Oliveira, A. M., & Wottrich, S. H. (2006). Escalas de Práticas Parentais (EPP): Avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 433-441.
- Teodoro, M. L. M., Cardoso, B. M., & Pereira, T. F. P. (2011). As relações familiares e os problemas emocionais e de comportamento em adolescentes. In. Wagner, A e cols. (2011). *Desafios Psicossociais da Família Contemporânea: pesquisa e reflexões*, (pp. 140-149), Porto Alegre: Artmed.
- Valadez-Figueroa, I., Amezcua-Fernández, R., Quintanilla-Montoya, R., & González-Gallegos, N. (2005). Familia e intento suicida en el adolescente de educación media superior. *Archivos en medicina familiar*, 7(3), 69-78.
- Vasconcellos, M. J. E. (2003). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Papyrus Editora, (pp. 147-184).
- World Health Organization. Preventing suicide: a global imperative. [Internet]. Geneva: WHO; 2014. p. 89.
- World Health Organization. Mental health policy and service guidance package: child and adolescent mental health policies and plans. Geneva: World Health Organization, 2005.
- Zappe, J. G., & Dapper, F. (2017). Drogadição na Adolescência: Família como Fator de Risco ou Proteção. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(1), 140-158.

Zappe, J. G, & Dell'Aglio, D. D. (2016). Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. *Psico*, 47(2), 99-110.

Apêndices

Apêndice A- Termo de Aceite



TERMO DE ACEITE

A aluna **Carolina dos Santos Fonseca, RA: 21605972**, está autorizada a realizar sua pesquisa de monografia no CENFOR Psicologia, sob orientação da **Professora Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira**.

O título do projeto a ser desenvolvido é: A dinâmica familiar e sua relação com a ideação suicida na adolescência. O objetivo geral da pesquisa é Compreender a implicação das relações familiares no comportamento e/ou ideação suicida do adolescente.

Participarão dessa pesquisa 3 adolescentes, de ambos os sexos, com idade entre 12 e 18 anos, que apresentam ou já apresentaram ideação suicida ou tentativa de suicídio, podendo estar ou não em algum quadro de sofrimento psicológico. Os participantes serão contatados a partir da indicação de supervisores de estágio da clínica escola do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) que atendem adolescentes. Serão selecionados os adolescentes que estiverem de acordo com os critérios estabelecidos e que se propuzerem a participar. A participação dos adolescentes se dará de maneira voluntária e mediante autorização dos pais.

A pesquisa ocorrerá em consonância com a Resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, que regulamentam as diretrizes éticas para as pesquisas que envolvem a participação de seres humanos, ressaltando que a coleta de dados e/ou informações somente será iniciada após a aprovação da pesquisa por parte do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB (CEP-UniCEUB) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), se também houver necessidade.

Izane Nogueira de Menezes - Supervisora Geral de Estágio - CENFOR Psicologia

Em 27/10/20

(61) 3966-1626 | www.uniceub.br | cenfor@uniceub.br

Unidade sede: SCS Quadra 1 Edifício União – CEP 70300-901 – Brasília-DF

Apêndice B - Parecer Consubstanciado do CEP

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A dinâmica familiar na construção da identidade do adolescente e sua relação com a ideação suicida

Pesquisador: SANDRA ENI FERNANDES NUNES PEREIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 37357820.4.0000.0023

Instituição Proponente: UNICEUB

Patrocinador Principal: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.371.427

Apresentação do Projeto:

O projeto "A dependência emocional e as relações amorosas: um estudo sobre influências e repercussões" prevê a pesquisa com um casal de voluntários a fim de compreender a identificação dos padrões de relações nesse âmbito e suas influências na construção do vínculo dependente a partir das entrevistas. A proposta volta-se especificamente para tratar sobre dependência emocional da voluntária.

A estratégia de pesquisa é de ordem qualitativa, com caráter descritivo exploratório. Nesse sentido, pretende-se "descrever, analisar e classificar a dinâmica de diferenciação desenvolvida por cada membro do casal".

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário consiste em investigar aspectos da dinâmica familiar na construção da identidade do adolescente e sua relação com a ideação suicida.

Os objetivos secundários são: analisar as percepções do adolescente sobre si mesmo (autoimagem, autoconceito, autoestima); investigar os sentimentos, percepções e vivências do adolescente em relação ao suicídio e/ou à ideação suicida; identificar aspectos da dinâmica familiar (afetos, desafetos e conflitos) que influenciam na construção da autoimagem do adolescente e seu comportamento suicida; compreender questões transgeracionais ligadas à ideação suicida.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 4.371.427

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador expressa que a presente pesquisa apresenta "riscos mínimos. Medidas preventivas serão tomadas durante a pesquisa para minimizar qualquer risco ou incômodo. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, o participante não precisa realizá-lo".

Destaca-se que o pesquisador enuncia que " Além disso, as entrevistas serão realizadas com adolescentes que estão em um processo de avaliação psicológica e que, possivelmente, serão encaminhados para psicoterapia, sendo portanto, já acompanhados. É

importante ressaltar ainda que, caso esse procedimento gere algum tipo de constrangimento ou desconforto, os participantes poderão interrompê-la, sem que isso cause qualquer prejuízo a eles".

Registra-se que, de acordo com a Resolução nº 466/12, risco consiste na "possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente". Ainda, conforme o item III.1 da Resolução citada, na avaliação ética dos riscos deve haver a ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos. Na presente pesquisa, verifica-se que não há a probabilidade de que a pesquisa ocasione aos participantes danos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

No que tange aos benefícios, o pesquisador enuncia que a presente pesquisa pode contribuir com "o avanço dos estudos sobre fenômenos sociais como o suicídio, além de possibilitar maior conhecimento dessa temática, o que pode viabilizar a realização de propostas de intervenção posteriores."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa proposta apresenta relevância social e acadêmica.

A pesquisa contém orçamento adequado, bem como o cronograma.

O currículo do pesquisador responsável está em consonância com a pesquisa a ser executada.

O instrumento que será aplicado aos participantes revela-se adequado, trata-se de entrevista sobre aspectos relativos à percepção dos participantes sobre sua experiência com o suicídio, que, pelo seu conteúdo podem acarretar desconfortos psíquicos para os participantes, por isso se solicita que o pesquisador explique de forma mais detalhada as medidas protetivas

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A Folha de Rosto não se encontra preenchida, contudo, houve a apresentação de mensagem

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 4.371.427

eletrônica da qual consta a autorização para a realização da presente pesquisa.

Constata-se a presença do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em conformidade com a Resolução CNS nº 466/12.

A pesquisa será realizada com três adolescentes escolhidos por conveniência, por meio da rede de contato das pesquisadoras.

Recomendações:

Recomenda-se que o pesquisador durante a realização da pesquisa cumpra as normas previstas na Resolução CNS nº 466/12, notadamente quanto à sua responsabilidade indelegável e indeclinável de proteção dos direitos dos participantes da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Em função da documentação apresentada, o trabalho encontra-se apto a iniciar a coleta de dados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo aprovado ad referendum pelo CEP-UniCEUB, com parecer n. 4.359.638/20, tendo sido homologado pela coordenação em 26 de outubro de 2020.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1599245.pdf	20/10/2020 09:09:28		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento.docx	20/10/2020 09:08:27	SANDRA ENI FERNANDES NUNES PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_para_Responsavel_Legal.docx	20/10/2020 09:08:17	SANDRA ENI FERNANDES NUNES PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MONOGRAFIA.docx	20/10/2020 09:05:49	SANDRA ENI FERNANDES NUNES PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	02/09/2020 07:48:10	SANDRA ENI FERNANDES NUNES PEREIRA	Aceito

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 4.371.427

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 29 de Outubro de 2020

Assinado por:

**Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))**

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASILIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (para responsáveis)**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE****(para responsáveis legais)****“Adolescência, relações familiares e a concepção da ideação suicida”****Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB****Pesquisadora responsável: Dra. Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira****Pesquisadora assistente [aluna de graduação]: Carolina dos Santos Fonseca**

Seu filho (a) (ou outra pessoa por quem você é responsável) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. A colaboração dele(a) neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja que ele(a) participe (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida permitir a participação, você será solicitado(a) a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo. Seu filho(a) (ou outra pessoa por quem você é responsável) também assinará um documento de participação, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (a depender da capacidade de leitura e interpretação do participante).

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é investigar as percepções do adolescente sobre si mesmo; Identificar os sentimentos e vivências do adolescente em relação ao suicídio e/ou à ideação suicida; Identificar aspectos da dinâmica familiar (afetos, desafetos e conflitos, comunicação) que influenciam na construção da autoimagem do adolescente e em seu comportamento ou ideação suicida; Investigar aspectos da transgeracionalidade que influenciam a ideação suicida na adolescência.
- Seu filho (a) (ou outra pessoa por quem você é responsável) está sendo convidado(a) a participar exatamente por estar na faixa etária da adolescência.

Procedimentos do estudo

- A participação dele (a) consiste em responder as perguntas da pesquisadora durante a entrevista.
- Os procedimentos são: uma entrevista com o adolescente que será gravada e mantida em sigilo, somente as pesquisadoras terão acesso.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada no Centro de Atendimento Comunitário do UniCEUB (CENFOR).

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos mínimos e não há a probabilidade de que a pesquisa ocasione aos participantes danos maiores do que os existentes na vida cotidiana
- Medidas preventivas (durante e após as entrevistas, será realizado um acolhimento com cada participante, para que esses possam compartilhar o que estão sentindo. Além disso, os participantes da pesquisa estão em um processo de avaliação psicológica, de forma que já estão em um acompanhamento, e possivelmente serão

encaminhados para psicoterapia. Também, é importante ressaltar que os participantes têm total liberdade para interromper a entrevista caso não se sintam confortáveis) serão tomadas durante a entrevista para minimizar qualquer risco ou incômodo.

- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, o(a) participante não precisa realizá-lo.
- Com a participação nesta pesquisa ele(a) poderá contribuir para o avanço dos estudos sobre a adolescência e de fenômenos sociais como o suicídio, além de contribuir para maior conhecimento sobre essa temática, o que pode viabilizar a realização de propostas de intervenção posteriores.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- A participação é voluntária. A pessoa por quem você é responsável não terá nenhum prejuízo se você não quiser que ele(a) participe.
- Ele(a) poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela participação dele(a) neste estudo.

Confidencialidade

- Os dados dele(a) serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados (entrevista) ficarão guardados sob a responsabilidade de Carolina dos Santos Fonseca com a garantia de manutenção do

sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.

- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o nome dele(a), instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada a privacidade de quem você é responsável.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a participação dele(a) no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em consentir que ele(a) faça parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor (a).

Brasília, ____ de _____ de _____

Responsável Legal por _____.

Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira/ sandra.pereira@ceub.edu.br

Carolina dos Santos Fonseca/ (61 996860094)/ carolina.sf@sempreceub.com

Endereço dos (as) responsável (eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907 - Asa Norte - Brasília-DF. Bloco: /Nº: /Complemento: Bloco 9

Bairro: /CEP/Cidade: Brasília, Asa Norte, 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-1200

Apêndice D - Termo de Assentimento

TERMO DE ASSENTIMENTO

Título da pesquisa: Relações familiares, adolescência e a concepção da ideação suicida.

Instituição do(a) ou dos(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisador(a) responsável [pesquisador(a) graduado(a), por exemplo, professor(a) orientador(a)]: Dra. Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira

Pesquisador(a) assistente [aluno(a) de graduação]: Carolina dos Santos Fonseca

Você sabe o que é assentimento? Significa que você concorda com algo. No caso desse documento, significa que concorda em participar dessa pesquisa.

Antes de decidir se quer ou não participar, é importante que entenda o estudo que está sendo feito e o que ele envolverá para você.

Apresentamos esta pesquisa aos seus pais ou responsáveis e eles sabem que também estamos pedindo sua concordância. Se você deseja participar, seus pais ou responsáveis também terão que concordar. Mas você é livre para fazer parte ou não desta pesquisa, mesmo se seus pais ou responsáveis concordarem. Não tenha pressa de decidir.

Também poderá conversar com seus pais, amigos ou qualquer um com quem se sinta à vontade para decidir se quer participar ou não, e não é preciso decidir imediatamente.

Pode haver algumas palavras que não entenda ou situações que você queira que eu explique mais detalhadamente, porque ficou mais interessado(a) ou preocupado(a). Nesse caso, por favor, peça mais explicações.

Natureza, objetivos e procedimentos do estudo

- O objetivo deste estudo é compreender como as relações familiares podem ou não estar relacionadas com o autoconceito do adolescente e com sua concepção de ideação suicida.
- Você vai participar respondendo as perguntas da entrevista e falando o que você acha/sente sobre os temas que serão conversados.
- O que vai acontecer é: se houver concordância, a assinatura desse documento e então iniciaremos a entrevista, que vai ser gravada, mas apenas as pesquisadoras terão acesso.
- Você não fará nada além do que estamos explicando neste documento.
- A pesquisa será realizada no Centro de Atendimento Comunitário do UniCEUB (CENFOR)

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação poderá ajudar que mais pessoas saibam sobre a adolescência e sobre a ideação suicida e colaborar para a construção de medidas protetivas e de intervenção.
- Sua participação é voluntária, ou seja, você só participa se quiser e, de acordo com as leis brasileiras, não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação neste estudo. Ninguém vai cobrar dinheiro de você ou de seus pais/responsável, ou vai tratá-lo(a) mal se não quiser participar.
- Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento, bastando para isso falar com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme as normas brasileiras sobre pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados ficarão somente com os pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade de Carolina dos Santos Fonseca com a garantia de que ninguém vai falar de você para outras pessoas que não façam parte desta pesquisa e será destruído após um período de 5 anos (as gravações serão excluídas).
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Caso ocorram danos causados pela pesquisa, todos os seus direitos serão respeitados de acordo com as leis do país. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada.

Se quiser falar algo ou tirar dúvida sobre como será/está sendo tratado na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também envie um e-mail ou ligue para informar se algo estiver errado durante a sua participação no estudo.

Este Termo Assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo(a) pesquisador(a) responsável, e a outra ficará com você.

Assentimento

Eu, _____, RG _____,
(se já tiver o documento), fui esclarecido(a) sobre a presente pesquisa, de maneira clara e detalhada. Fui informado(a) que posso solicitar novas informações a qualquer momento e que

tenho liberdade de abandonar a pesquisa quando quiser, sem nenhum prejuízo para mim. Tendo o consentimento do meu(minha) responsável já assinado, eu concordo em participar dessa pesquisa. Os(As) pesquisadores(as) deram-me a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Participante

Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira/ sandra.pereira@ceub.edu.br

Carolina dos Santos Fonseca/ (61 996860094)/ carolina.sf@sempreceub.com

Apêndice E - Entrevista semiestruturada

Identidade

1. O que você diria de si mesmo (a)?
2. O que você mais gosta em você? E o que menos gosta?
3. Como é sua rede de relações sociais? Quem faz parte da sua rede?
4. O que costuma fazer quando está feliz? E triste?
5. Como você se descreveria para alguém que quer te conhecer?
6. O que é importante para você?
7. O que você entende como sentido de vida? Você possui um sentido de vida? Fale um pouco sobre isso.
8. O que na sua identidade você considera um ponto forte? E um ponto fraco?

Relação familiar/Parental

9. Como você se percebe na sua família? Qual o seu papel na sua família?
10. De quem da sua família você é mais próximo?
11. Com quem você mais briga? Quais são os motivos das discussões, geralmente? O que você sente diante das discussões da sua família?
12. Como tem sido a sua relação com seus pais? Mudou algo da infância para a adolescência? O que você gostaria que fosse diferente na relação com eles?
13. Existe alguma característica da sua família que você identifica na sua identidade?

Morte/Suicídio

14. O que você pensa sobre a morte?
15. Você já teve vontade de morrer? Como foi isso? Quais eram seus sentimentos naquele momento? Aconteceu algum episódio que você associa a esta vontade de morrer?
16. Como era sua vida antes disso acontecer? O que te levou a estas ideias? Fale sobre o que estava passando naquele momento...

17. A vontade de morrer o levou a tentar suicídio? Quando? Como foi isso? O que aconteceu depois?
18. Como estavam suas relações, com sua família, seus amigos naquele momento? Com quem você podia contar?
19. Em quais momentos o “deixar de existir” aparece como uma possibilidade pra você?
20. Quais seriam os motivadores para esse pensamento?

Transgeracionalidade

21. Na sua família, existe alguém que já apresentou alguma tentativa de suicídio? Se sim, o que se fala sobre isso?

Apêndice F - Complemento de frases

1. Me sinto um membro importante da minha família quando...
2. Minha família significa....
3. No momento eu me sinto...
4. Uma coisa que eu gosto muito em mim é...
5. Uma coisa que eu não gosto em mim é...
6. Tenho vontade de chorar quando...
7. Sinto-me feliz quando...
8. Acho que sou parecido com meus pais quando...
9. Sou muito diferente dos meus pais em relação a...
10. Culpo minha família por...
11. Tenho vontade de sumir quando...
12. Tenho medo de...
13. Gostaria de ser diferente em relação a...
14. Quando penso na morte sinto...
15. Na minha família sinto falta de...
16. O que mais gosto de fazer com minha família é...
17. Em relação aos meus pais me sinto...
18. Se eu pudesse mudar algo em mim seria...
19. Eu não mudaria...
20. Me sinto compreendido pelos meus pais quando...